



Maurício Durán
Dentista

O bom samaritano é colombiano de nascimento, brasileiro de coração e cearense de alma

Carlos Maurício Durán Domínguez é uma ave de origem colombiana. O brasileiro de coração pousou em terras canarinhas aos 17 anos. Vindo da cidade de Medellín, a 420 quilômetros da capital Bogotá, trouxe no peito a independência. Foi protagonista do próprio grito e atracou de frente pro mar de Recife. A vida independente confundia-se com a dependência emocional e financeira dos pais.

Maurício desfrutou dos prazeres da liberdade. Dono do próprio bico, entregou-se aos deleites da vida, envolveu-se com substâncias ilícitas e perdeu a noção do tempo. Voou, voou e não soube onde pousou. Foi encontrado, por um conhecido, perdido e fora de si pelas ruas de Recife. As lembranças dos dias sombrios foram apagadas da memória que ainda guarda momentos da intensa violência da cidade de origem.

A solidão abarrotou o coração de Maurício e encheu de palavras a poesia do homem solitário. Os versos escritos para fugir da solidão eram resultantes de uma relação mais sólida com o Brasil. O pássaro longe da gaiola perambulou nos desafios da vida e fez da labuta o homem que é hoje: dentista, palestrante, estudante de Direito, cônsul honorário da Colômbia, católico praticante, filho, pai, marido e nas horas livres ainda realiza um trabalho social no Bairro Jangurussu, um dos mais violentos de Fortaleza.

Já adulto, teve de ver os irmãos irem cantar no céu e fazer dele morada. Capaz de erguer-se e seguir em frente, o homem com sorriso marcante é agradecido com as possibilidades da vida. Faz das perdas motivos para o fortalecimento físico e espiritual. Encontra na fé o combustível para ver a vida como ela é: sem amarras e sem preconceitos.

A generosidade do dentista é demonstrada em pequenos gestos. O humor cearense aparece entre frases bem construídas e um sorriso branco. A forma de falar funde com

ensinamentos sobre a vida e a Bíblia. O sermão vem em forma de avisos, utilizando a própria história como exemplo. Foge de rótulos, altares e do próprio ego. Encontra-se sempre disposto a ajudar. Mas, mesmo assim, os admiradores o colocam no local de onde tenta fugir.

Sem esperar nada em troca, o homem não cobra para ajudar quem carece. O presente que precisa é barato. A fé é livre e de graça. O bom samaritano, assim como na Bíblia Sagrada, capítulo de Lucas 10:30-37, ajuda e dá o sangue se preciso for. A receita está na simplicidade de enxergar as soluções para os percalços da vida.

Infértil, viu a mulher esperar quatro filhos de uma só vez — só duas nasceram. Foi o milagre. Nem a mãe acreditou. Depois disso, ainda vieram outros. Hoje, o homem sobrevoa o país não como um beija-flor. Mas como uma cegonha. Em palestras, fala de amor, de filhos, criação, família e estimula casais que tentam engravidar. A história da cegonha infértil que teve filhos é exemplo para as milhares de pessoas que lhe assistem nessas andanças pelo Grande Brasil. É a utilização da fé em favor de quem precisa dela. Fé que tem de sobra.

Numa troca mútua entre a prática e a teoria da fé, as cicatrizes na vida de Maurício servem como plano de fundo para o que é hoje. Encontra marcas em outros corpos e as utiliza como espelho. O homem vive pela fé e entrega a vida a Deus.

O Maurício de sorriso branco e largo, cabelo impecável, roupas de marca e humor cearense adquirido conduz seu próprio espetáculo.

Os aplausos são inevitáveis. Quem não aplaude quem faz o bem sem olhar a quem? Maurício neste grande espetáculo é o personagem principal. A mais bela cegonha. Voa, voa, Maurício. De galho em galho. Apesar dos percalços, ele sempre repousa tranquilo num ninho calmo. O homem que não para, volta pra casa e encontra a fé, a família e o descanso.

Equipe de Produção:
Fabrício Girão
Larissa Medeiros
Lorena Fonseca

Entrevistadores:
Andressa Gonçalves
Heloísa Vasconcelos
Beatriz Carvalho
Dellano Borges
Fabrício Girão
Ítalo Cosme
Larissa Medeiros
Lorena Fonseca
Sâmia Martins
Suzana Mesquita

Texto de abertura:
Ítalo Cosme

Fotografia:
Ester Coelho



Entrevista com Maurício Durán em 2 de dezembro de 2017

Lorena – A gente queria começar perguntando sobre a sua vida na Colômbia. Os temas são basicamente os mesmos do dia em que a gente falou no seu consultório, na pré-entrevista, e agora a gente vai aprofundar mais...

Maurício – Eu já soube que vocês andaram fazendo perguntas demais para a minha mulher.

Lorena – Isso (risos). A gente queria começar do comezinho. Como foi ser criança na Colômbia?

Maurício – Olha, eu acho que eu vivi muito bem na minha época de criança porque eu tive uma educação dos pais, que, nossa, até hoje... Passei 17 anos na Colômbia, e isso serviu de base para eu ser o que eu sou hoje em dia. Porque meus pais deixaram aquele legado de honestidade, trabalhar, procurar sempre o bem e Deus... Que infelizmente hoje em dia os adolescentes não ligam mais pros pais. Meu pai e minha mãe sempre mostraram pra gente o que era bom, o que não era bom e pronto. Eu não me lembro do meu pai ter pego minhas notas na escola, e isso não traz nenhum trauma pra mim. Fui castigado severamente pelo que merecia, e isso não traz nenhum trauma pra mim. Hoje em dia você não pode levantar a mão para um filho, não pode fazer tanta coisa e é por isso que estamos como estamos. Na época de meus pais, nós tínhamos respeito pelos pais, então esse respeito foi o que criou base pra gente ser alguma coisa na vida. Se, nesse momento da criação, você não consegue nem que seja forçadamente que um filho rebelde... Assim, todos somos rebeldes, eu era muito rebelde. Porque era o caçula, achava que ninguém dava atenção pra mim. Minha música era: “Eu sou rebelde porque o mundo quis assim” (trecho de *Sou Rebelde*, música lançada em 1978 pela cantora brasileira Lilian). Discutia muito com meus pais, com meus irmãos, eu era a ovelha negra da família, por ser o caçula. E quando vim pro Brasil, que me vi sozinho e vi realmente que essa liberdade não tinha nada a ver com aquilo que eu tanto almejava, eu queria era meus pais, queria minha casa, queria meu canto, mas vi também que era impossível voltar para a Colômbia. Depois que você entra em um trem e vai embora, não tem volta, não. Quando ligava

chorando pros meus pais, “quero voltar”, (eles diziam:) “Não, meu filho, você vai ficar”. Meus pais foram sempre um casal que sofreu muito. Por exemplo: meu pai veio de uma família aristocrata, meu pai foi conterrâneo de Gabriel García Márquez, prêmio Nobel de Literatura por *Cem Anos de Solidão*. Nasceram em Aracataca, por isso que você vê ali (ele aponta para uma placa com esse nome na varanda da casa). Eu fiz essa casinha para meus pais, porque o meu sonho é trazer meus pais quando eles estiverem senis para eu cuidar deles. Esse é meu sonho, por isso que eu fiz tudo isso pra eles e eles sabem disso. Já estão com 83 anos, e, se um dia meus pais não tiverem mais uma coordenação, eu trago, e eu que vou dar banho neles, eu que vou cuidar, como uma forma de demonstração por tudo que eles fizeram. Porque a gente só vem perceber isso depois. Os pais da gente entregaram toda a juventude pra gente, deixaram de viver por causa da gente, e a gente abandona? Foi isso que aprendi com meus pais, porque eles eram assim com meus avós. Eu tava construindo isso (a casa que fez para os pais), e um amigo meu disse: “Tu é muito vivo, né, Maurício?”. E eu disse: “Por quê?”. E ele disse: “Porque teus filhos tão vendo o que você tá fazendo pelos seus pais, ou seja, eles vão fazer por ti também”. O que você fizer de mau com seus pais, seus filhos vão fazer com você também. O meu pai é meu ídolo. Quando tô com uma dúvida, um problema, ligo até hoje e ele me dá os conselhos, inclusive me ajuda a fazer os trabalhos (do curso) de Direito (que Maurício cursa atualmente na Faculdade Farias Brito). Aí minha mãe diz: “Meu filho, tá com dois dias que seu pai tá de pijama, toma nem banho, no computador direto fazendo seus trabalhos”. E é assim até hoje, uma ligação muito grande com meus pais. Se algum dia Deus os levar, tudo pode acontecer, eu posso ir primeiro, mas eles vão fazer muita falta. Eu acho que, a respeito da educação que meus pais me deram, nota dez, eu sou apaixonado por eles.

Lorena – E você e os seus irmãos, vocês estudavam na mesma escola?

Maurício – Estudamos sempre na mesma escola, os três. Sempre, o Jairo (John Jairo Durán Domínguez, formado em

Foi Suzana quem indicou Maurício como entrevistado para a revista. Ela o conheceu por meio de um depoimento que ele concedeu em uma reunião do Programa Simulação da Organização das Nações Unidas (SONU).

De início, a equipe de produção era formada por Lorena e Fabrício. Larissa pediu para entrar no grupo porque tinha faltado no dia da entrevista da própria equipe por motivos de saúde. Ela chegou a participar da pré-entrevista de Lionah Dias, a Xuxinha.

O primeiro contato com Maurício se deu por telefone, após a confirmação de que ele seria o último entrevistado dessa edição. Lorena sentiu certa dificuldade para entender o que Maurício falava devido ao sotaque e à voz muito grave.

Medicina), o Victor (Victor Manuel Durán Domínguez, formado em Odontologia) e eu (também formado em Odontologia) estudamos na mesma escola. Viemos para o Brasil por meio do intercâmbio cultural (em 1979). Porque o sonho dos meus pais era que a gente fosse alguma coisa na vida. Tipo, quando a Colômbia estava no narcotráfico, quando Pablo Escobar... Me desculpem, mas parem de assistir esse *Narcos* (série da Netflix que retrata a vida de Pablo Escobar, narcotraficante colombiano que controlou o cartel de Medellín – cidade natal de Maurício – e foi assassinado em dezembro de 1993). Fica fazendo apologia a um carrasco... É como se um judeu assistisse ao holocausto e todo mundo batesse palma. Ele acabou com a Colômbia e, até hoje, a fama da gente é Pablo Escobar. Na época, Colômbia estava explodindo bombas em todo lado. A gente estava dor-

mindando e, de repente, explodia uma bomba e todo mundo se agarrava. Quando a gente ficava sabendo que explodiu um prédio não sei aonde: “Será que meu pai estava passando por lá?”. Como não tinha telefone celular, a gente tinha que ficar esperando até a noite sem nenhuma notícia. Então meus pais mandaram a gente para o Brasil. Tipo assim, o barco tava afundando. Para você ver como é o amor dos pais: eles afundam, mas salvam os filhos, e sem ter condições. E você vê, tanto que durante os anos que a gente estudou aqui, meus pais passaram fome, necessidades, e nós não sabíamos de nada. Nunca faltou dinheiro do aluguel, de nada, e nunca eles disseram: “Olha, tão gastando muito”. Nunca. Cortaram a energia, hipotecaram a casa duas vezes pra poder pagar as dívidas da gente aqui. A gente só veio saber disso muito tempo depois, e por outra pessoa, não por eles.

Carlos Maurício Durán Domínguez nasceu em 16 de agosto de 1961, em Medellín, capital da Antioquia, a segunda maior cidade da Colômbia. Ele é filho dos professores Maria Concepcion Domínguez de Durán e Victor Manuel Durán Gonzalez.



Larissa – Você tava falando da imagem negativa que fazem da Colômbia por causa...

Maurício – (interrompendo) ... Da droga.

Larissa – (continuando) Devido a questões de narcotráfico. E da parte boa, do que você sente falta na Colômbia, dessa sua infância e do começo de juventude?

Maurício – Eu sinto falta de tudo. Da família, sinto falta dos amigos, perdi muitos por causa da droga. Hoje em dia, a Colômbia está como antigamente, antes da droga. Houve uma reviravolta. Hoje em dia, a Colômbia ensina aos países como reduzir a criminalidade. Eu estudo Direito, e um dos objetivos meu em estudar Direito é mostrar que eu não tenho a culpa de que Pablo Escobar tenha nascido na minha terra. Colombiano em aeroporto internacional vira piada do Jô Soares: “Mais visado que colombiano no aeroporto internacional”. Um dos meus objetivos é porque, sempre que prendem um colombiano aqui, em Fortaleza, é maltratado. Às vezes, ele estava fumando um cigarro de maconha. Um. Aí foram no apartamento dele e colocaram um coturno na cabeça dele: “Cadê a droga?”. Se ele tivesse, ele não tava comprando, não, gente. Foi preso e passou cinco meses na cadeia por causa disso. Já tive que eu, como cônsul (Maurício é cônsul honorário da Colômbia em Fortaleza), ir atrás de desembargador, de juiz, por causa de um colombiano. Tem um estigma muito grande contra a gente. Então, há 20 anos que eu sou cônsul da Colômbia e, na época, ainda estava explodindo o narcotráfico e se juntou com a guerrilha. E na Colômbia, um país democrático... Pra mim, democracia é aquela que o voto é facultativo; não pode ser obrigatório, senão já errou a democracia. Se eu quero votar ou não quero votar, é um direito meu como cidadão. Na Colômbia, é facultativo. (Continuando o raciocínio...) Na Colômbia, ameaçaram – eu nunca vou esquecer – de colocar bombas nos postos de votação, os guerrilheiros e os narcotraficantes. Eu me lembro que eu mandei fazer uma missa aqui, na Igreja da Glória, todo mundo foi com blusas brancas, com pombas, (com a frase) “Estamos contigo, Colômbia”. Essa bandeira (bandeira da Colômbia que fica na varanda da casa dele) foi levada na hora do ofertório até o altar, por todos os colombianos, familiares de colombianos e amigos, e nós soltamos 200 pombas no final. Oito dias depois, assassinaram meu irmão lá na Colômbia. E todo mundo perguntou, inclusive a imprensa: “E aí? Você fala tanto na paz e seu irmão foi assassinado”. “Pois eu continuarei lutando pela paz na Colômbia”. E, hoje em dia, eu

posso dizer que nós alcançamos, sim, uma paz muito boa em Colômbia. Hoje em dia você pode sair tranquilamente. Então, vou à Colômbia hoje em dia me lembrando de como era antigamente, que eu podia ir tranquilamente com corrente, relógio e aliança.

Fabrizio – Você tava falando que muita coisa faz falta lá da Colômbia. Quando você veio aqui pro Brasil, que traços colombianos ficaram na sua personalidade?

Maurício – Todos. Eu não mudei nada até hoje. Eu acredito ainda em romantismo, como meu pai e como minha mãe. Eu continuo abrindo a porta para a minha esposa. Eu paro o carro quando vejo uma velhinha na rua. Eu paro, atravesso o carro na rua todinha, desço e dou a mão. Tudo que eu aprendi com meus pais, ou seja, se isso é o diferencial de ser colombiano, eu continuo sendo colombiano. Amo minha terra. Gente, eu amo o Brasil como eu amo minha esposa e minha família, mas amo Colômbia como amo a minha mãe. São dois amores totalmente diferentes. Aí quando jogam Brasil e Colômbia no futebol gente, é a mesma coisa que a sogra e minha esposa. (Todos riem)

Suzana – Você visita a Colômbia de quanto em quanto tempo?

Maurício – Eu vou te dizer. Depois da morte dos meus irmãos – faz 25 anos que morreu o primeiro, o segundo morreu há 19 –, eu percebi que eu não estava amando meus pais como eles mereciam, porque às vezes eu passava três anos sem ir. Depois da morte de meus irmãos, eu vou três vezes ao ano, porque o amor que mais se parece com o amor de Deus é o amor dos pais. É isso que me carrega, é o único amor de se interessar. Até hoje, tem meu quarto lá. Quando eu chego, é um chamego com minha mãe e meu pai. Minha mãe esteve doente, para morrer. Quando eu cheguei, no outro dia, a mamãe estava andando feliz da vida. Porque nós somos as baterias de nossos pais, e eles são a nossa bateria.

Lorena – E eles vêm com que frequência?

Maurício – Atualmente, eles não podem mais vir porque a minha mãe... Foi descoberto que ela tá com três lacunas no cérebro, e o médico acha que, se ela pegar um avião, pode causar algum mal. Mas eles estiveram aqui na Copa (Copa do Mundo de 2014, evento que teve Fortaleza como uma das cidades-sede). Eles vieram no avião presidencial, uma honra muito grande. Ninguém nunca suspeitou que o Brasil poderia pegar a Colômbia em Fortaleza, porque não achava que a Colômbia ia chegar a tanto (Brasil venceu a Colômbia por 2 a 1 nas quartas final, em 4 de julho de 2014, na Arena

No dia da pré-entrevista, enquanto os produtores esperavam para falar com o dentista, a assistente Lucilene mostrou uma página plastificada do Jornal Folha de S. Paulo do dia 4 de julho de 2014.

O título do perfil escrito por Eliane Brum era “Cônsul da Colômbia em Fortaleza chega ao jogo após longa travessia”. Havia uma foto de Maurício com a esposa e os filhos tirada na época da Copa do Mundo realizada no Brasil.

Maurício recebeu o presidente da Colômbia, Juan Manuel Santos, na chegada dele a Fortaleza para assistir ao jogo entre Colômbia e Brasil. Santos está no cargo desde 2010.

“Se um dia meus pais não tiverem mais uma coordenação, eu trago. Eu que vou cuidar, como uma forma de demonstração por tudo que eles fizeram”



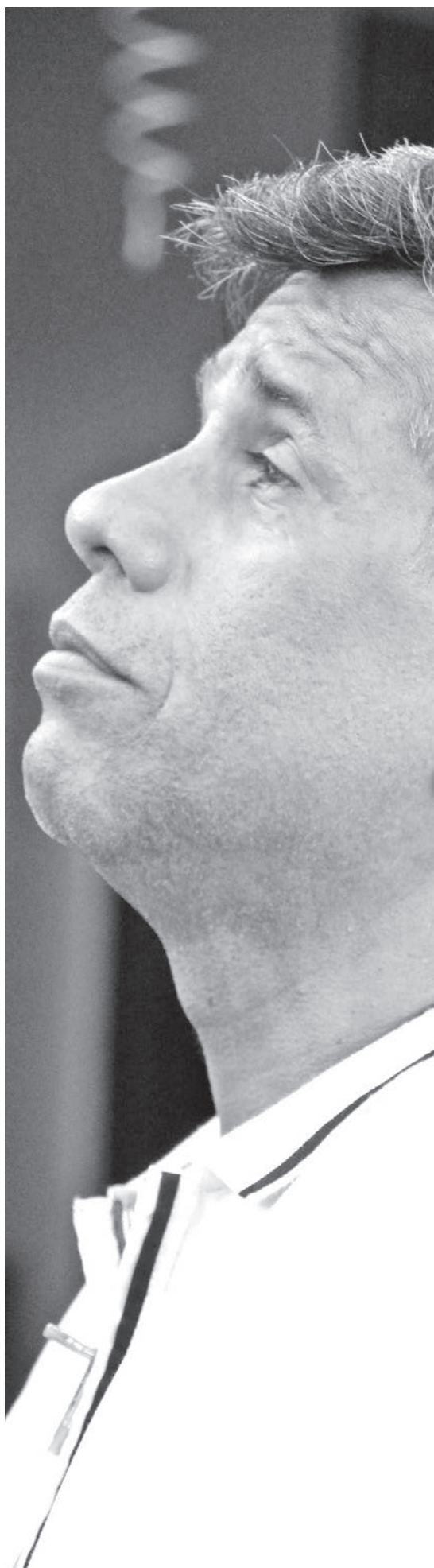
Castelão, em Fortaleza). Então, de repente, ganhou de algum país sul-americano, Costa Rica, alguma coisa assim, sei lá (na verdade, Colômbia jogou contra o Uruguai nas oitavas de final, em 28 de junho de 2014, no Estádio Maracanã, no Rio de Janeiro, vencendo por 2 a 0). Quando ganhou, todo mundo ficou: “Então pera aí, Colômbia vem para Fortaleza”. O jogo foi em uma sexta ou no sábado. No domingo, ligaram para mim da Presidência da República: “Senhor cônsul, prepare a chegada do presidente para o jogo de sexta”. Eu disse: “Eu? Presidente? Aqui? Deus, o que eu vou fazer?”. Aí precisava arranjar dois carros 3x4 blindados, duas vans. Como eu tenho muitos amigos aqui, a gente conseguiu. Inclusive o presidente ia ficar aqui (na casa de Maurício), esperando o jogo, mas ele chegou muito em cima da hora e não deu certo. Foi muito bom, uma experiência muito boa. Eu disse: “Quantas pessoas cabem no avião?”. “52” “Quantas pessoas vêm?”. “29”. Eu falando com a secretária do presidente, nunca falei com ele, não. Aí eu disse: “Vem cá, será que meus pais poderiam vir nesse voo?”. “Claro, senhor cônsul, imagina, na hora”. Aí eu liguei para meus pais: “Pai, vocês vão assistir o jogo Brasil e Colômbia aonde?”. “Aqui, em casa”. “Não, vocês vêm assistir aqui, no Brasil”. “Como é a história, meu filho? Eu não acredito”. Meu pai louco por futebol... “E vocês vêm no avião presidencial”. “O quê?!”

(conta imitando a reação do pai, e todos riem). Aí papai ficou: “É mentira, é mentira”. Aí mamãe já se levantou e disse: “Meu filho, a mala que a gente tem não dá pra entrar no avião presidencial, aquela mala tá muito velha” (todos riem). Isso foi 15h. Quando foi de noite, eu liguei de novo, tava lá mamãe: “Oi, comprei a mala e me custou caro. Se for mentira, você vai me pagar” (todos riem novamente). Achei muito lindo quando chegou o avião, estava muito emocionado, porque ele chega no aeroporto militar. Aí é lindo, os dois amores da minha vida, a bandeira do Brasil e a bandeira da Colômbia. Aí estávamos a embaixadora – que na época era embaixadora –, um representante do governador – que foi meu professor – e eu. Começaram a tocar o hino, esperando que o presidente saísse. E quem sai primeiro? Meu pai (todos riem). “Peraí, é meu pai!”. Aí eu saí correndo e fui até ele. (O pai respondeu:) “Estavam demorando pra sair, aí eu saí”. E mamãe atrás dele. Aí eu disse: “Esperem aí, que eu volto já”. E fui receber o presidente. Isso foi uma experiência muito grande pra eles. Acho que isso foi uma coroação de tanto esforço que eles fizeram por mim, eles não acreditavam. Quando eles chegaram no aeroporto lá, em Bogotá: “Você é a mãe?...”. Seguraram as malas. E, quando entraram no avião, já estava escrito lá: “Victor Manuel Durán González, pai do cônsul Carlos Maurício Durán, de Fortaleza”.

Enquanto todos estavam se acomodando antes da entrevista começar, Maurício comentou sobre a jovialidade do professor Robson. O dentista achou Robson tão jovem que perguntou se ele não tinha quase a mesma idade que os alunos.

E eles no meio de ministros e do presidente. O presidente falou com eles, eles ficaram felizes. Quando eles vieram – meu pai gosta muito de mexer com o jardim e de me ajudar –, começou umas dores na coluna (do pai) e fomos no médico. Descobrimos que meu pai estava com câncer e, o pior de tudo, ele já sabia fazia quatro anos e não queria dizer para não preocupar a gente. Era câncer avançado de próstata. Aí o médico, que é amigo meu – eu sou síndico lá do Harmony Medical Center (prédio onde mantém seu consultório dentário, no bairro Meireles) faz 15 anos –, disse: “Maurício, coloca tua fé, porque essa dor na coluna que ele está tendo pode ser a metástase, e não há o que fazer”. Ele (o pai) não sabia disso e eu ficava a noite toda olhando, e não imaginava meu pai em um caixão. “Pera aí, ele veio aqui pra morrer? Não, isso eu não acredito, não”. Aí depois o médico, quando saiu todos os exames, liga pra mim: “Maurício, o problema dele é uma hérnia de disco mal curada. Eu acho que, se a gente colocar umas aplicações de radioterapia, pode dar certo”. 47 aplicações. Gente, sabe quando você está liso? Você fez outras compras e não esperava a chegada dos pais, não esperava tudo isso? Eu disse: “Meu pai celestial... Quanto é cada aplicação?”. “R\$ 1320,00”. 47 aplicações. “Tem problema não, vende o carro, o que for”. O médico falou: “Maurício, tira o CPF do teu pai”. Eu fui. “Vai fazer pelo SUS”. No Hospital do Câncer, aqui, perto do Hemoce. “Tá certo”. Era todo dia, 19h40min da noite tínhamos que estar lá. Aí presta atenção: eu dentista, estudante de Direito... Eu ia deixar de estudar Direito e, quando fui comunicar a meus pais, (a mãe disse): “Meu filho, seu pai está tão feliz que você está estudando Direito, porque era o sonho dele ser advogado. Ele não fez porque não tinha dinheiro, tinha que pagar as coisas de vocês”. (Maurício pensou:) “Não vou sair do Direito”. Tanto é que ele (o pai) vem, ele vem para receber o diploma. Eu falei com o coordenador geral da faculdade: “Você vai dar o diploma para o meu pai”. Começamos as radioterapias, e

“Amo o Brasil como eu amo minha esposa e minha família, mas amo Colômbia como amo a minha mãe. São dois amores diferentes”



O cônsul é o caçula de uma família com quatro filhos. Seus irmãos são: Nancy Del Pilar Durán Domínguez, a mais velha de todos; e os já falecidos John Jairo Durán Domínguez e Víctor Manuel Durán Domínguez.

Maurício pediu para o professor sentar perto dele para sair do sol. Ao falar isso, o chamou de *muchacho*, que quer dizer “garoto” em espanhol. Robson não parecia estar muito preocupado com o sol.

O dentista chegou ao Brasil em 1979, então com 17 anos, acompanhado dos dois irmãos para fazer faculdade em Recife. Os três ganharam bolsas de estudos ofertadas por uma parceria entre o Brasil e a Colômbia.

todo dia a gente ia. Então, a minha esposa, que tem um coração muito lindo – era um hospital, por aqui entram os ricos, particular e convênios, e por aqui entram os pobres, SUS (Sistema Único de Saúde), a gente. É o mesmo hospital, entradas diferentes e as mesmas máquinas e os mesmos médicos –, então a Luci (esposa de Maurício), quando a gente chegou lá, não tinha um restaurante, não tinha nada. As pessoas sem nariz, sem orelha, fazendo radioterapia. E outra coisa: você não tem hora pra sair de lá, não. A gente chegava lá 19h e saía 1h, 2h da manhã. Aí a Luci: “Amor, vamos fazer sopa para esse pessoal?”. Aí todo dia nós fazíamos o sopão e levávamos para eles, todo dia. Essa sopa pegou tanta fama que até os médicos queriam, porque lá é muito gelado por causa dos equipamentos. Os médicos adoravam a sopa. Aí meu pai já entrava de primeiro com a sopa, era atendido logo. Quando terminou a última aplicação, a gente chorou, minha esposa, minha mãe, meu pai e eu. Porque a gente estava tão acostumado com esse pessoal, todo mundo se abraçava, se tornou uma família lá dentro. “Poxa, terminou. A gente nem percebeu que terminou”.

Lorena – Você citou a sua esposa...

Maurício – (interrompendo) ... Desculpa. E meu pai ficou bem. Só pra terminar, ele ficou curado. E aí, quando terminou: “Gente, eu preciso arranjar R\$ 10.000,00 pra mandar meus pais. Quê que eu faço?”. Aí – isso vai fazer três anos –, a Avianca inaugurou o voo Fortaleza-Bogotá, Bogotá-Fortaleza. Aí eu fui convidado como cônsul, e eu detesto essas coisas formais demais, estava cansado, e até discutindo com a minha esposa, fomos lá. Tínhamos nos atrasado para esse jantar, era em um hotel chique, e quando eu cheguei a gerente me reconheceu porque já tinha ido no consultório: “Senhor cônsul, venha sentar na mesa com a gente”. Com o vice-presidente da Avianca. Conclusão: nós ganhamos as passagens para ir para a Colômbia, e ainda a minha esposa também foi. Quando Deus faz, faz perfeito. Meus pais vieram de graça, com o presidente, e voltaram de graça, pela Avianca. Você não precisa se preocupar com nada, é só ter fé. Pronto, continue.

Lorena – (continuando) É, o senhor tinha citado a sua esposa, e a gente também conversou com ela. Ela tinha citado que você, quando criança, era uma criança muito levada, e ela inclusive contou uma história...

Maurício – Do gato (completando).

Lorena – Isso, do gato. (todos riem)

Maurício – Então, presta atenção. Eu sempre gostei de animais, tenho quatro cachorros, tenho não sei quantos periquitos,

sempre me dei muito bem. Então, eu tinha um gatinho lá em casa. Mamãe é fantástica, tudo dela é tudo bonito, tudo organizado, e ela tinha um tapete que ela amava e esse gatinho fazia xixi nesse tapete que fede. Aí mamãe: “Eu vou dar esse gato!”. Aí um dia a vizinha chegou para levar o gato, então o único lugar que eu encontrei para esconder o gato foi na geladeira. Era o único lugar que ninguém acharia nunca o gato. (A mãe dele disse:) “Parece que o gato fugiu, inteligente esse gato”. Nunca ninguém ia imaginar que o gato tava dentro da geladeira. Eu sei que demorou a vizinha lá, eu tive sono e fui dormir. Na madrugada, eu me lembrei: “Meu Deus do céu, o gato na geladeira! Quando mamãe abrir para pegar o leite de manhã, vai ver o gato na geladeira” (todos riem). Eu coloquei no forno. Acordei e coloquei no forno. Só que o forno lá é elétrico, e ele estava molhado. Aí, quando eu liguei (ele faz barulho de choque com a boca), acabou-se o gato.

Lorena – E o senhor tinha quantos anos?

Maurício – Acho que tinha uns três pra quatro anos.

Larissa – Você falou das vezes que seus pais vieram aqui pro Brasil. E os seus filhos, já tiveram a oportunidade de conhecer a Colômbia?

Maurício – Já, várias vezes. São loucos por Colômbia, várias vezes já foram.

Larissa – Como é a educação deles? Você traz muita coisa da língua espanhola, da cultura do seu país pra eles?

Maurício – Não é bem a cultura deles, não. Porque a desobediência é internacional (todos riem), não é só colombiana, nem brasileira. Parece que esses adolescentes de hoje em dia, vocês, nascem com um *chip*. É, todos vocês. Assim, numa boa. Não tô discutindo, eu tenho adolescentes e sei disso, não é culpa de vocês ser assim. Vou lhe dar um exemplo. Eu fui para uma palestra de uma chilena que ela dizia assim, presta atenção: “Quem deseduca os filhos somos nós. Quem cria esses monstrinhos somos nós”. Por quê? Vou lhe dar um exemplo. O menino com sete anos de idade: “Pai, não vai me deixar no colégio, não, pai?”. “Mas meu filho...”. “Pai! Todo dia eu chego atrasado por causa do senhor!”. E o pai trabalha às 8h30min ou 9h e tem que acordar cedo pra deixar o menino. Acorda cedo e enfrenta aquele colégio. Gente, nós pais temos que deixar o filho na porta, porque a gente acha que vão roubar o menino, que vão sumir com o menino. Só que tem 1200 alunos, mas só tem uma porta! Então todo pai vai e coloca aquele engarrafamento, aquela fila tripla, aquela malucação toda e depois de

Depois que os três irmãos se formaram, Jairo voltou para a Colômbia, enquanto Maurício e Victor vieram para Fortaleza fazer especialização em cirurgia buco-maxilo-facial em 1983.

tanto tempo, que a gente consegue chegar perto, a filha abre a porta e diz: “Pai, você esqueceu meu lanche!”. “É, eu que esqueci o lanche”. Aí volta pra casa, se atrasa, faz o lanche e, quando chega lá, os pais todos retardados, atrasados e fazendo quatro filas já. Você consegue estacionar a dez quarteirões do colégio e, quando chega no portão, você não sabe qual é o ano do seu filho. Não sabe, não, os pais não sabem mais, não. Aí vai perguntar, questionar, até que a coordenadora: “Ah! Você é o pai da...”. Aí você vai feliz e pronto, com a lancheira e, quando você chega perto da sala de aula, que ela vê você: “Meu pai, que mico!”. E se esconde. É, vocês são assim. Na época da gente, meu pai no colégio era, Ave Maria, era uma glória. Hoje em dia não. Então, a culpa é de quem? Da gente. Porque, se você tivesse, primeiro, respeito: “Minha filha, calma. Minha obrigação é pagar seu colégio, não é lhe levar, não. Tome o dinheiro do ônibus, só espere que eu acorde primeiro. Segundo, esqueceu o lanche? Pois você vai passar fome”. Garanto que ela nunca mais vai esquecer o lanche. Você perdeu dois momentos muito grandes na educação e na evolução do filho: Solidariedade, porque ela vai chegar e dizer: “Coleguinha, vamos dividir hoje? Porque eu esqueci o meu”. E responsabilidade: nunca mais ela vai esquecer o lanche dela. Porque nós somos os pagadores, os patrocinadores, os paiãos. Sabe por quê? Porque nós somos apaixonados por vocês (filhos). Então, na época da gente, era totalmente diferente. Eu tinha que me virar para ir para a escola, aqueles ônibus lotados, e não vá, não, para você ver uma coisa. Hoje em dia, não. Somos nós que levamos, nós que mastigamos tudinho para vocês, nós que damos tudo. “Pai, eu quero viajar com meus amigos para a praia”. Porque a praia fica a 18 horas de ônibus, lá de Medellín. “Não, você não vai. Não vou dar dinheiro, você é muito novo”. Eu tive que trabalhar. Eu ia lá onde vendia hambúrguer e fazia entrega em domicílio, para poder ter um dinheirinho e poder viajar. Hoje em dia, não, o pai dá tudo.

Larissa – Você falou da sua juventude e citou o exemplo de uma viagem que você gostaria de ir e os seus pais não deixaram. Falando sobre esse momento da sua vida, de adolescência, você tinha falado sobre uma espécie de toque de recolher. Na sua cidade, as pessoas teriam que voltar para casa muito cedo. Como era ter essa coisa de adolescente, querer sair e curtir a vida e ter esses impedimentos?

Maurício – Não, não, não. Não teve toque de recolher lá, porque lá nunca teve ditadura, não. Você entendeu errado.

Larissa – Certo.

Maurício – Meus pais que obrigavam a gente a sair de 19h às 20h. Acabou-se. Era meus pais.

Larissa – Ah, era ordem deles.

Maurício – É, e se meus pais não chegassem nessa hora, a gente saía às 19h e voltava às 20h, mesmo que meus pais não estivessem em casa. Existe um respeito. Porque a gente achava que eles iam olhar, que eles iam ficar sabendo, e era melhor a gente obedecer. É isso. Era um toque de recolher de meus pais. Também por causa do perigo que estava existindo na Colômbia naquele momento. Mas toque de recolher só em ditadura militar, pelo amor de Deus.

Larissa – É, uma coisa que a gente queria entender era essa questão de como você chegou a ser cônsul e quais são as suas atividades. Porque existe uma diferença entre o cônsul de carreira e o honorário, que é a sua atribuição.

Maurício – Pronto. Vou começar do começo. Quando eu cheguei em Fortaleza, eu passei por uma adaptação, ir atrás de emprego, ter que conseguir, enfim. E, de repente, eu coloquei o consultório no lugar certo e na hora certa, lá na Aldeota (região mais nobre da cidade, próxima ao mar) e comecei a ganhar dinheiro. Meu irmão Victor não, ele atendia gente pobre no centro da cidade. Eu comprei um apartamento, ele comprou uma casinha em Maraponga (bairro na região sudoeste de Fortaleza). Ele atendia mais gente pobre, e eu atendia mais gente rica. E ele, como atendia muita periferia, quando ficou doente, uma das preocupações maiores dele era essa: “Quem vai cuidar de meus pequenos?”. Quando eu vi que não tinha mais jeito, que ele esperava uma reviravolta da doença dele, antes dele morrer, eu disse: “Não se preocupe, eu vou cuidar de teus pequenos”. Então eu abri mão de um monte de coisas e comecei a ir onde ele trabalhava, só que com uma diferença: eu não ganho. Por exemplo, há 15 anos eu tô lá no Jangurussu (bairro no extremo-sul, um dos mais pobres da cidade), onde atendo de 15 a 20 pessoas de graça todo sábado de manhã. Foi uma herança dele. Isso, eu acho que tem em um jornal por aí, não sei onde. Antes de começar a trabalhar lá, eu trabalhava em Iparana (praia de Caucaia, município vizinho a Fortaleza). O dono de lá do hotel, que é sogro e pai de uma amiga minha, tinha sempre os aniversários do neto lá. Um dia, eu vi que aquelas pessoas chegavam: “Ô, senhor fulano, me empresta o carro porque fulano tá doente”. Porque lá, em Iparana, não tinha hospital, não tinha posto de saúde, não tinha nada. Aí um dia

Nesta época, chegou a ser entregador de pizzas e professor de Biologia, Matemática, Física e Química, mesmo sem saber nada, segundo ele. Maurício dava aulas em uma escola da cidade de Itapiúna, no Ceará.

A pré-entrevista aconteceu no dia 7 de novembro de 2017, terça-feira, no consultório dele. Estavam presentes os três integrantes da equipe de produção: Fabrício, Larissa e Lorena.

Durante a pré-entrevista, colombianos foram ao consultório para emitir a inscrição consular. Entre eles estava Laurêncio Pedreiros Rodrigues, comerciante e técnico em informática que concedeu entrevista para a composição da pauta.



Na pré-entrevista, Maurício fez questão de ler na íntegra o texto *Carta de Uma Mãe com Alzheimer Para a Sua Filha*, de autoria desconhecida. Ele se emocionou ao contar a história de uma mãe que pede que a filha tenha paciência com ela.

“Parem de assistir a esse Narcos. Fica fazendo apologia a um carrasco (Pablo Escobar). É como se um judeu assistisse ao holocausto e todo mundo batesse palma”

chegou um cara com a boca inchada, e estava indo para a Caucaia, para não sei onde, para curar esse dente. “Aqui tem consultório odontológico?”. “Tem não”. “Vamos abrir um?”. “Vamos”. “Você me dá o local que eu monto com tudo” (conversa entre Maurício e o dono do hotel). E foi muito bom porque foi muita gente ajudando. Então, de repente, o cara manda construir uma sala lá, de frente ao hotel, e colocou do jeito que eu queria: azulejo, tudo, bancada de cimento, uma sala de espera olhando para o mar, escrito: “Dentista”. Tudo isso. E eu nunca vou esquecer que o cara que instala consultórios cobrava R\$ 30,00 a hora, naquele tempo – estou falando isso tem uns 25 anos –, aí: “Vixe Maria, ele vai cobrar caro”. Quem ia pagar era eu. Ele passou cinco dias levando peça por peça, ajeitando e quando chegou: “Quanto lhe devo?”. “Nada”.

“Como é essa história?”. “Pelo que você está fazendo, acha que eu vou lhe cobrar? De jeito nenhum. Pelo contrário, minha esposa é cabelereira, será que ela pode vir no sábado cortar os cabelos das pessoas que precisarem?”. Eu disse: “Lógico”. Meus pacientes, tinha um que trabalhava na Nestlé, doava todo sábado 700 iogurtes para serem repartidos. O dono do Garfo, que ainda é meu paciente, ele dava uma panela que era só pra colocar água, já tinha o frango, os temperos, tudo. Era só para chegar lá e colocar no fogo. Aí eu aproveitava o fogo do hotel, ia em um cantinho reservado e dava comida para todas as pessoas. Então se tornou um trabalho tão bonito e alguém comentou com a imprensa. O *Jornal O Povo* (de Fortaleza) foi lá, me ligou várias vezes e eu não atendia, porque eu acho que esse negócio de jornal... Eu tinha medo, sei lá, não tava ainda preparado pra isso. E, quando eu cheguei lá um dia, entrevistaram toda a população, o pessoal do hotel, todo mundo, já tinham batido foto de todas as crianças e aí saiu em uma folha do *Jornal O Povo*: “Dentista colombiano realiza atendimento gratuito a 650 crianças em Iparana”. Aí eu sentado na cadeira do dentista e aí todas as crianças com espelhinho bucal ao meu redor, ficou linda a foto. Aí, colocaram assim do lado: “Maurício Domínguez nasceu na capital mais violenta do mundo, Medellín”. Para você ver a fama... Até nesse momento, gente, eu acho que não precisava colocar isso, mas tudo bem. Aí a embaixada soube, a embaixada em Brasília. Eu tinha 35 anos, faz 21 (anos). Aí mandaram pra Colômbia, sem eu saber de nada. Foi impresso lá pelo jornal *El Tiempo*, que é um jornal de Bogotá, então tavam pensando em colocar um consulado no Nordeste. Aí o presidente falou: “Vamos chamar esse rapaz”. Só que tinha um problema, eu era muito novo. Geralmente, se dá o título de cônsul honorário a uma pessoa de idade, aposentada, que tenha condições, que tenha local, porque a gente não ganha nada, é por amor à pátria. Então me ligaram e eu achei muito estranha essa ligação: “*Es el ministerio de relaciones de Colombia, quiero asegurar la nueva dirección del consulado en Fortaleza, rua Joaquim Emídio de Castro...*”. “Pera aí, não tô entendendo nada”. Aí desligaram.

Depois ligaram da embaixada e disseram: “Senhor Carlos Maurício Domínguez, o senhor foi convidado para ser o novo cônsul honorário da Colômbia no Brasil”. “Sim, o que é ser cônsul? Bom, eu vou viajar para Brasília e a gente conversa aí”. Eu viajei na outra semana para Brasília, passei 15 dias lá, e eles me explicaram o que era ser cônsul, representar o país em todos os momentos, quando os colombianos precisam, tem um local, uma porta, para eles não se sentirem sozinhos. Eu sou o intermediário entre Brasília e Fortaleza, que é tão distante, né? A única coisa que eu sou autorizado a fazer é a inscrição consular. O que é a inscrição consular? Atrás do Mercosul (o Mercado Comum do Sul é formado por cinco membros plenos – Argentina, Brasil, Uruguai, Paraguai e Venezuela, estando este último suspenso desde dezembro de 2016 –, cinco países associados – Chile, Bolívia, Colômbia, Equador e Peru – e dois países observadores – Nova Zelândia e México) hoje em dia, o colombiano vem pra cá, e quer ficar, veio passear, mas quer ficar. Ele entra com os documentos do Mercosul lá na Polícia Federal e um dos documentos é a inscrição consular. O que consta na inscrição consular? Ele vai me levar o registro civil, o passaporte, a identidade e uma foto. E eu vou certificar que esses documentos são colombianos e que são válidos, para a Polícia Federal aceitar. Hoje em dia, nós temos mais de 1700 colombianos em Fortaleza. Geralmente – aí vocês não viram lá no consultório (apontando para os outros entrevistadores além da equipe de produção) –, eles vão terças e quintas às 10h da manhã para fazer a inscrição. Geralmente, são dez a 15 toda semana.

Heloísa – E por que você aceitou?

Maurício – Porque eu sou colombiano e sei a dificuldade que eu tive. Eu tive que pegar um ônibus daqui até Brasília, três dias de viagem, para resolver as coisas lá e voltar no mesmo dia, mais três dias. Então eu vi que era sofrimento, que os colombianos sofriam pra fazer isso e disse: “Não, eu vou aceitar, para facilitar a vida daqueles, para não sofrerem o que eu sofri”.

Larissa – Nesse seu trabalho como cônsul, você tem que prestar certas ações de assistência, como a alguém preso e tal.

Nesse dia, Maurício falou sobre a melhora que a Colômbia teve em relação à segurança pública durante o governo do presidente Álvaro Uribe, que governou o país de 2002 a 2010.

“Porque nós somos os paigadores, os paitrocinadores, os paiãos. Sabe por quê? Porque somos apaixonados por vocês (filhos)”

Álvaro Uribe chegou a ser o presidente com maior índice de aprovação na América Latina. Com sua estratégia de Segurança Democrática, multiplicaram-se as operações militares contra as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC).

Retornamos ao consultório na semana seguinte para conversar com Lucilene Azevedo Oliveira, a Lu, secretária e assistente de Carlos Maurício. Ela era comerciante e conheceu Maurício por meio de uma consulta que a irmã fez com o dentista.

“Eles me explicaram o que era ser cônsul, representar o país em todos os momentos. Quando os colombianos precisam, tem um local, uma porta, para eles não se sentirem sozinhos”

Quais são esses tipos de atividades que você tem que fazer?

Maurício – Eu não tenho que fazer nenhuma atividade, eu faço porque sou cristão. Porque eu, como pai, imagino a dor que deve sentir um pai e uma mãe quando um filho é preso no exterior. Temos um (caso similar) agora: ela (mãe de colombiano preso no Ceará) liga para mim, eu mando dar meu telefone, eu vou lá (na penitenciária). Eu não ganho nada como cônsul, mas não meço custos para satisfazer um pedido de um pai ou de uma mãe. Eles não têm a culpa do filho ser o que é. Nós atualmente temos três presos por narcotráfico atualmente, e um deles tem problema epilético, já vou comprar os remédios para deixar lá e ninguém me paga por isso. Se Deus me dá condições, por que eu não posso ajudar? Já aconteceu,

Durante a conversa com Lu, ela acabou revelando que Maurício já atendeu gratuitamente um vendedor de cocada que passou pedindo ajuda, além de já ter prescrito receita e dado dinheiro para comprar a medicação de quem não tinha condições financeiras.



por exemplo, anos atrás, que uma senhora estava muito doente e ficou mais quando soube que o filho tinha sido preso. Dei meu telefone, ela ligava chorando: “Eu quero ver meu filho antes de morrer, ouvir pelo menos a voz dele antes de morrer”. E eu fiz uma promessa: “Seu filho vai sair da cadeia antes do Dia das Mães”. Ele foi condenado a 13 anos. Nós entramos com recurso, com advogado, e foi baixado para oito anos. Aí o Ministério Público entrou com recurso contrário a essa decisão, e quando chegou no último recurso lá, em Brasília, baixaram para quatro anos e dez meses e ele já tinha cumprido quase toda a pena. Todo mês eu levava para ele remédios para a dor, *Profenac*, porque ele tinha dores nas juntas, enfim. E, mesmo antes de ele viajar – a gente ainda não sabia se ia dar o tempo certo –, a mãe queria falar com ele antes de morrer. Aí eu disse: “Me ligue amanhã às 10h40min da manhã”. Eu fui pra Pacatuba (cidade na Região Metropolitana de Fortaleza que abriga a Penitenciária Francisco Hélio Viana Araújo). Saí daqui umas 8h30. Quando cheguei lá, falei com – as pessoas quando veem que você quer ajudar os outros, eles abrem a porta – um inspetor lá, não sei se era o delegado de lá, encarregado da cadeia. Disse: “Olha, tá acontecendo isso, a mãe dele tá pra morrer. Eu gostaria que você trouxesse o preso e deixasse ele falar com a mãe”. Num instante, trouxeram o preso, o telefone tocou: “Um minutinho, por favor. Atenda, é a sua mãe”. O preso chorava, e a mãe também, mas não morreu, não. Quando foi um dia antes do dia das mães, ele foi deportado. O voo aqui é dia de sábado, ele chegou no domingo como presente de Dia das Mães para ela. E eu tinha prometido isso. Quando eu ia na embaixada, eu era muito frio lá, porque, lógico, as pessoas têm aqueles títulos e se sentem superiores aos outros, então eu mal subia uma escadinha para ser atendido. Aí um dia eu disse: “Ainda vou entrar nessa embaixada como Pedro na sua casa”. A força da palavra. Hoje em dia, eu vou na embaixada, falo com o embaixador, falo com todo mundo, brinco com todo mundo, pego material. A força da palavra.

Lorena – É a vinda ao Brasil, com 17 anos, como foi? Quais dificuldades você enfrentou por ser colombiano, por não saber português?

Maurício – Quando a gente é adolescente e quando a gente tá doido para sair de casa, o que vier é lucro. Você vem perceber isso com o tempo. Eu cito muito nas minhas palestras, por exemplo: “Ah, eu vejo nos filme que os adolescentes não precisam falar nem a língua, você chega lá, tem o dinheiro, vai no

supermercado, pega as coisas e acabou-se”. E eu fiz isso. Cheguei no supermercado, peguei pasta de dente, todo o tipo de produto de limpeza, papel higiênico, tudo. Quando eu fui escovar os dentes... Gente, pelo amor de Deus! Que pasta hor-rí-vel brasileiro usa! Não tinha sabor de nada, não saía cuspe, a boca ficava toda preguenta, sebosa. Fiquei um mês escovando os dentes com isso, quando uma amiga minha peruana que já sabia falar português disse: “Maurício, pelo amor de Deus, isso não é pasta dental, não, é Trim (creme capilar em uma embalagem que se assemelha à de creme dental) pra passar no cabelo (todos riem). Mas adolescente não tem que saber, com o tempo é que você vai começando a sentir. Aí eu senti muita solidão, não era compreendido, porque minha educação era muito diferente das pessoas brasileiras. O brasileiro é mais livre, né? E nós éramos mais restritos, né? Então eu não estava acostumado a isso. Eu e meus irmãos, a gente sentiu esse baque. Sobre sexo: aqui era muito mais livre, foi um choque pra gente.

Lorena – (interrompendo) E o senhor chegou aqui na Ditadura Militar (regime de governo instaurado no Brasil por meio de golpe militar apoiado por civis, estendendo-se de 1964 a 1985). Mesmo assim, o senhor se sentiu mais livre aqui do que lá (na Colômbia)?

Maurício – Eu vou lhe ser sincero, eu gostaria que vocês parassem para pensar... Vocês têm uma imagem da Ditadura Militar muito errada, de tortura, de... Gente, quando eu cheguei aqui, o Brasil era o melhor país da América! Por causa dos militares. Eu não vi nenhuma... Eu não vi nada do que tanto se fala. Era um país muito organizado, muito respeitado, todo o mundo respeitava as leis. Eu lembro que o embaixador chamou a gente (seleção para estudantes colombianos estudarem no Brasil) e se apresentaram 255 estudantes pra cinco vagas, e três foram nossas, né? (de Maurício e seus dois irmãos). Quando chamaram a gente, disseram: “Olha, aqui na Colômbia vocês podem reclamar de tudo, mas lá no Brasil não”. Para ter certos cuidados por causa do governo militar, mas gente, eu digo sinceramente, é... Nós não vimos nenhum problema, o país funcionava e era bem diferente. Você podia ter segurança na rua, tranquilamente dirigir ou sair com alguma coisa. Eu não fui roubado na Ditadura, não aconteceu nada, nada, nada. Agora, é... Sei lá, se fazia ou não fazia, ficava tão lá pra eles que eu não tenho conhecimento.

Fabrizio – E como era a vida lá em Recife (primeira cidade brasileira onde Maurício e

Uma das fontes de informação da pauta foi um vídeo do Youtube de 2011 que começa sob a vinheta “Entrevista com Dr. Maurício, ex-evangélico. Show da Paz”. Quem conduz a conversa é Gerardo Magela, fundador da Comunidade Católica Paz e Bem.

Luci, a esposa de Maurício, viajou para visitar uma das filhas que mora na Irlanda durante o período das entrevistas de pré-produção da revista. O dia da reunião de pauta seria o único que ela teria disponível para falar com a equipe.

Ficou combinado que Lorena e Fabrício iriam para a reunião, e Larissa entrevistaria Luci. A conversa aconteceu no Café Três Corações, no Shopping Iguatemi, e durou 40 minutos.

Larissa foi ao shopping Riomar Kennedy para conversar com Laurêncio, amigo de Carlos Maurício que leva os colombianos ao consultório para conseguir a inscrição consular.

os dois irmãos moraram)? O que era que você e seus irmãos faziam além de ir para a faculdade?

Maurício – A gente não conhecia ninguém, então era da faculdade pra casa, da casa pra faculdade. Não sabíamos falar a língua (portuguesa), não podíamos fazer nada. Nós não tínhamos dinheiro também para fazer festas. Nós viemos para estudar, então vamos estudar, né? Mas aos poucos é que a gente começou a ter amigos, a sair, mas no começo a gente ficava dentro de casa, dentro de casa, dentro de casa.

Beatriz – E como foi estudar sem saber a língua?

Maurício – Foi aquela história do “adulcescente que acha”, né? Quando a gente chegou (a Recife, para cursar a faculdade junto com os irmãos), eu lembro. Chegamos no primeiro dia de aula, levamos um fora, porque meu irmão Victor e eu estudávamos na mesma sala. Então chegamos na sala, a gente entrou. A gente achou estranho... “Por que aqui, no Brasil, não raspa a cabeça no primeiro semestre?”. E não tinha ninguém raspado a cabeça, todos cabeludos, né? E nós cabeludos também. E o professor começou pá pá pá. E teve uma hora que o professor parou. E falava com a gente e eu: “Ó, eu acho que é com a gente” (todos riem). E pá pá pá e eu: “Acho que ele tá ficando com raiva, será que você chegou atrasado?”. Nós estávamos no sexto semestre de Medicina (todos riem). O professor queria saber quem era e que só continuaria a aula se a gente dissesse quem nós éramos e a gente não entendia o que ele tava querendo. Aí tinha um lá que dominava o espanhol e chegou pra gente: “Vocês não são daqui?”. “Não, somos do primeiro semestre de Odontologia”. “Aqui é o sexto semestre de Medicina, e o professor tá chateado lá porque não sabe quem são vocês”. Pegamos um ônibus errado, lá tinha essa história de Dois Irmãos, não tem um bairro chamado Dois Irmãos? Só que a gente pegou o “irmão” (referência ao nome do ônibus) errado, que não ia pra faculdade, tinha um “irmão” que ia pra um lado, tinha um “irmão” que ia pro outro (risos). E a gente se perdia, mas numa boa, porque tinha segurança, não tínhamos medo de assaltante, não tínhamos medo de nada, você perguntava se você se perdia, e o pessoal ajudava quando sabia que você não sabia falar (português), era outra vida naquela época que a gente chegou (ao Brasil).

Heloísa – Você sente falta?

Maurício – De quê?

Heloísa – Da sua vida na época em que você chegou ao Brasil.

Maurício – (fica em silêncio pensando na resposta). Eu acho que há uma conformação, não sei, você vai se adaptando. Então, se você tá sabendo conviver com todas as fases, você não sente falta de nenhuma, tá? Então é tudo novidade, tudo novidade. Então pra mim é tipo assim, deixa eu te dizer. Eu troco de carro, eu tenho saudade do carro anterior? Não. Se eu troquei de carro agora, foi por um melhor. Então eu não fico com saudade do carro anterior. Então eu acho que a vida hoje me dá outras condições, é diferente. Eu ter saudade de quando era liso, é difícil você chegar e falar isso.

Heloísa – Eu digo no sentido de que você falou que era mais seguro, que você podia sair na rua...

Maurício – Em Colômbia, o negócio era outro. De repente não chegou uma onda de tsunami e cobriu você. Você (passa a agir com) cuidado: assaltaram o vizinho, assaltaram o vizinho e você fica... Né? Não foi uma onda de tsunami. Aos pouquinhos vai se adaptando, hoje em dia tem que rodear o quarteirão duas vezes, entendeu? O ser humano tem que se acostumar – ou ao ruim, ou ao bom –, vai se acostumando e as saudades? Quem que não teria saudade de quando você era pequeno e tinha seus pais, não tinha que pagar aluguel, tinha que pagar não sei quê, quem não tinha saudade? Então é assim, o amadurecimento do ser humano se dá devido às coisas que você vai vivendo, e você vai se adaptando a elas. Só isso. Que eu fico preocupado, hoje em dia, com a situação que está o mundo, mas a gente não pode fazer nada, né?

Andressa – Uma coisa: por que vir para Fortaleza? Por que você não ficou em Recife?

Maurício – Porque em Recife não tinha cirurgia buco-maxilo-facial (especialidade odontológica que trata dos defeitos de nascença, traumatismos, anormalidades do crescimento do crânio e da face, tumores, deformidades estéticas da boca, dentes e maxilar). Eu acho que Odontologia é muito parada, eu quero mais. Então, cirurgia é mais. Eu gostei muito do que eu vi lá – o pessoal fazendo (cirurgia) buco-maxilo-facial – e os professores de lá que davam o curso eram formados aqui, (eles diziam:) “Maurício, vá para Fortaleza”. Então eu vim com meu irmão para fazer cirurgia buco-maxilo-facial, na época.

Andressa – O senhor gosta mais de Fortaleza ou de Recife?

Maurício – Eu gosto do Brasil. Por que eu tenho muitos bons amigos lá (em Recife), né? E lá foi a cidade que abriu os braços para minha chegada. Eu não posso... Né? Ah, eu tenho saudades de Recife? Não,

porque... Entendeu? Eu gosto de Recife, vou quando posso.

Andressa – Você falou que gosta do Brasil, você já andou muito por ele todo?

Maurício – Já! Tenho andado muito. São Paulo, Brasília, Belo Horizonte; o Sul não, mas Rio de Janeiro, tudo isso, já. O Brasil é hospitaleiro, hoje mesmo eu tava falando, estávamos lá no *Beach Park* (parque aquático localizado em Aquiraz, cidade vizinha a Fortaleza), aí lá tem um monte de gente distribuindo panfleto, são agentes de viagem, são muitos, todos de branco. Aí (um deles perguntou:) “O senhor é da onde?”. Aí eu falei: “Da Colômbia”. Aí ele: “Hablas español”. E ele atrás de mim crente que ia fazer um negócio muito bom comigo, né? Porque lá tem pessoas de fora, turistas, né? Aí teve uma hora que eu falei: “Arriégua, bichim!”. Aí todos soltou uma gargalhada, (disseram:) “O bicho é cearense!”. Aí ele disse: “Nossa, cara! Você tem esse humor da onde?”. “Daqui, né?”. É isso que o cearense tem, esse humor que eu gosto de ter, sou apaixonado por esse humor cearense. Chico Anysio (1931-2012; humorista cearense da Rede Globo por mais de 40 anos), Tom Cavalcante (nascido em 1962 em Fortaleza, Tom Cavalcante começou sua carreira como humorista na capital cearense, em emissoras do Sistema Verdes Mares, passando em seguida pela Rede Globo, TV Record e, mais recentemente, pela Multishow), todos os melhores daqui.

Sâmia – E como viviam você e seus irmãos antes de chegarem ao Brasil? A casa em que vocês moravam...

Maurício – Nós vivíamos como ricos, como adolescentes, a gente não queria saber de onde vinha esse dinheiro, tá? Nós alugamos um apartamento a um quarteirão da beira-mar em Recife, cada um com seu quarto e todo mês nos mandavam as coisas. Depois de cinco anos, eu fiquei sabendo que cortaram a energia lá de casa (em Medellín), (os pais) tinham passado fome, tudo isso. E os pais não sabem que eu sei, porque pai não joga na cara de você todo o sacrifício que fez por você. Um pai e uma mãe, tipo assim, quando vocês tavam com febre, com dor, você não sabia onde era a dor, onde era a febre, se tinha que levar a médico, aplicar injeções caríssimas, de madrugada, você ainda chorando, se não fosse o pai e a mãe que pegou o corpinho de vocês e falou: “Senhor, tira a dor do meu filho, passa pra mim”. E como é que vocês pagam hoje em dia? Se trancando no maldito quarto, com o maldito computador, sem ver que no quarto do lado tem uma porta aberta? Esperando um “boa noite, pai; boa noite, mãe”, que

“Eu faço (auxílio a colombianos presos) porque sou cristão. Porque eu, como pai, imagino a dor que deve sentir um pai e uma mãe quando um filho é preso no exterior”

vocês não dão faz muito tempo. Já pararam pra pensar nisso?

Larissa – (todos ficam em silêncio) É... Continuando a parte (todos riem) da sua vida em Recife. Você falou de algumas complicações que você teve nesta época. Qual foi a maior dificuldade dessa época de formação em Odontologia, em Recife?

Maurício – A maior dificuldade em Recife? (pausa para pensar na resposta). Eu acho que... Encontrar amigos. Era uma dificuldade porque tinha uma tradição diferente que você via que tudo era diferente. A gente falava de uma coisa, o pessoal achava graça porque achava que a gente era infantil demais, inocente demais e isso causava riso nas pessoas, tá? Eu tenho um livro de poesia que eu escrevi, a minha esposa pegou todas as minhas poesias e fez um pequeno livrinho pra quando... Faz seis anos, nos meus 50 anos, na festa, para ser distribuído pra... Mas eu não tive festa de 50 anos porque foi descoberto um câncer de tireoide em minha mãe. E eu passei o dia dos meus 50 anos no hospital com minha mãe. Então eu não fui festejar os meus 50 anos, então o livrinho tá por aí. Eu escrevia tudo na solidão, tudo, tudo eu escrevia, não tinha amigo! As pessoas eram muito diferentes. Eu cheguei com 17 anos. Naquela época, as pessoas entravam na faculdade com 18, já estavam adultas, eu não podia acompanhá-las para um filme pornô, sabe? Eu era totalmente isolado dos amigos e a gente sofre muito com isso. A maior dificuldade foi fazer amizades, mas também quando eu fiz... Até hoje somos amigos. Quando eles começaram a compreender porque eu era diferente.

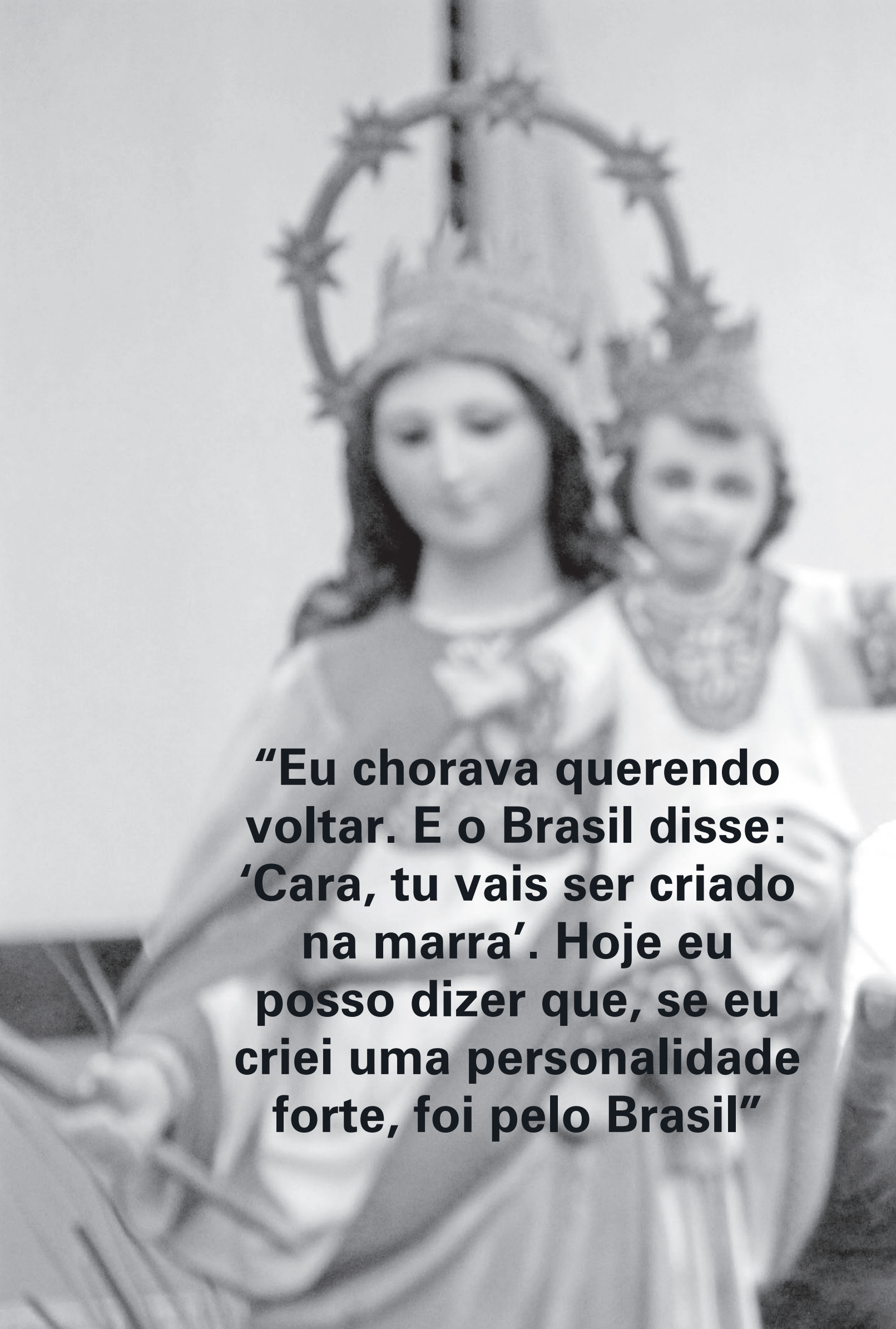
Sâmia – Você comenta muito da relação com seus pais, com a sua família e também da Colômbia. Você falou que tem filhos. Seus filhos conhecem a Colômbia?

Maurício – Lógico, já foram várias vezes.

Sâmia – Mas vocês pensam em se mudar em algum momento?

A entrevista aconteceu às 15h do dia 2 de dezembro de 2017, sábado, na casa dele. Foi a única realizada no fim de semana, por causa dos compromissos de Carlos Maurício durante a semana.

Ao chegarmos na casa dele, ele estava no cabelereiro. Tivemos que telefonar para a esposa dele para que ela abrisse o portão. Ao entrar na casa, vimos na varanda uma grande bandeira da Colômbia.



“Eu chorava querendo voltar. E o Brasil disse: ‘Cara, tu vais ser criado na marra’. Hoje eu posso dizer que, se eu criei uma personalidade forte, foi pelo Brasil”



Quando Carlos Maurício chegou, ele estava com uma roupa mais casual, camiseta e tênis. Ao ver que seria fotografado, pediu para ir se trocar. Voltou com uma camisa polo e sapatos.

“Então a única religião que fica aqui é a de Jesus. A única religião que existe aqui é a cristã, pronto. Quem foi que deixou? Foi Jesus, pronto”



Maurício – Não sei, o futuro só a Deus pertence, né? Mas pode ser uma saída. Alguma vez minha esposa e eu pensamos assim, da gente se aposentar e morar na Colômbia. Lá meu pais têm um sítio, é muito lindo, tem montanhas, muitas plantas e algum dia... Segundo os meus pais, é minha herança, né?

Lorena – Como foi que o Brasil te influenciou na personalidade que você tem hoje?

Maurício – Me influenciou muito, me influenciou fortemente. Com o sofrimento, você cresce, então eu agradeço o Brasil por tudo o que eu sou nesse aspecto, porque eu acho que, assim... “Meu filho, eu não tenho dinheiro pra mandar passagem pra você voltar”, me diziam meus pais. E então eu chorava querendo voltar. E o Brasil disse: “Cara, tu vais ser criado na marra”. Hoje eu posso dizer que, se eu criei uma personalidade forte, foi pelo Brasil. Eu vejo muito o Brasil como aquela mãe adotiva, né? Porque a mãe vê o filho sofrendo, mas é: “Vamo, vamo, bora, bora, você consegue”. E é isso o que o Brasil me dá pra ser o que eu sou até hoje. Às vezes na natação eu quero desistir e a treinadora fala: “Bora, bora, Maurício”.

Isso é o Brasil dizendo: “Vamo, vamo!”. Então eu amo o Brasil.

Andressa – Como é criar os seus filhos numa cultura completamente diferente da que você foi criado?

Maurício – Não, é porque lembre que o seguinte: eu fui criado em uma cultura diferente, mas me adaptei à cultura de vocês. Quando eu fui pai, eu já tinha a cultura de vocês. Eu não cheguei da Colômbia e fiz os meninos imediatamente. Então, como eu falo pra você, os meninos hoje em dia se comportam igual aqui e na Colômbia, já vem com um *chip*, tá? Por exemplo, seus pais foram criados como eu, com certeza... Talvez (risos). Quantos anos têm seus pais?

Andressa – 50.

Maurício – Talvez tenham ouvido as mesmas músicas, pudessem ter liberdade, essa luta, né? Que era naqueles anos. Hoje em dia vocês são diferentes, mas tipo assim, quando minhas filhas nasceram, as gêmeas (Enna Clara e Enna Shara, de 27 anos), porque nós não podíamos ter filhos, nem a Luci, nem eu. Ela era estéril e eu também. Eu era super... Tem alguém evangélico aqui? (Ester – a fotógrafa da entre-

Quando ele entrou, Beatriz comentou que o tênis Nike que ele estava usando custava R\$ 400,00. Ela sabia porque estava pesquisando preços de tênis durante a Black Friday.

vista – e Fabrício levantam a mão). Dois? Eu era da (Igreja) Batista e... A doença e morte de meu irmão... (Maurício era protestante, mas se converteu ao catolicismo durante o adoecimento do irmão Victor, quando se apegou à imagem de Maria, a quem a adoração é rejeitada pelos protestantes). Então eu pedi pra ela (Maria), nós sabíamos que nós não podíamos ser pais, eu pedi pra ela que intercedesse, como nas bodas de Canaã intercedeu por aquele noivo. E a primeira gravidez da Luci foi de quadrigêmeos e não fizemos tratamento nenhum. Durante a gravidez, perdemos duas gêmeas (só duas das quatro nasceram). Três anos depois foi o (nascimento do) Carlos (terceiro filho do casal). E oito anos depois, (veio) Maria Ester (quarta filha). Os médicos que atestaram minha esterilidade foram os que fizeram minha vasectomia. Isso depende da crença de cada um. Eu respeito a crença de cada um. Se você está bem onde você está, fique.

Heloísa – Como foi descobrir que sua mulher estava grávida mesmo vocês sendo inférteis?

Maurício – Quando eu fui pegar o resultado do exame, a gente tinha muita fé. Eu

acho que uma das coisas que move a humanidade é a fé. Quando ela disse que tava sentindo uma coisa estranha, aí ligamos pro médico. (Ele disse:) “Vamos tentar o exame de novo?”. Porque naquele momento era impossível, né? Aí, quando saiu positivo, eu pulei, gritei, abracei todo mundo e, quando cheguei no carro, ela ficou dentro do carro. “Que foi?”. “Nós vamos ser pais! Nós fomos ouvidos!”. Agora, surpresa foi quando soubemos que eram quadrigêmeos. Porque a gente ficou sabendo gradativamente. “Tá grávida!”, eu liguei pra Colômbia. E ela (mãe de Maurício) sabendo da fé que estamos professando agora, ela altamente apaixonada por Nossa Senhora... “Mãe, nós fomos ouvidos, nós vamos ser pais!”. “Tá vendo, meu filho? Quantas graças você perdeu estando longe dela (Nossa Senhora)?”. “Mãe, nós fomos ouvidos, nós vamos ser pais!”. “Parabéns, meu filho!”. “Parabéns, meu filho!”. “Parabéns, meu filho!”. Aí fomos no outro mês para fazer ultrassonografia. Aí: “Maurício, não é um, não, tem dois”. Aí pega o telefone, liga pra Colômbia: “Mãe, são dois!”. “Parabéns, meu filho”. Aí começou um sangramento na mesma semana, ligamos pro doutor e o doutor:

Conversamos com Carlos Maurício no jardim da casa dele, sentados em bancos e cadeiras organizados pela esposa dele, Maria Luci Freire de Durán.

“Infelizmente, o Deus que meus pais passaram pra gente era um Deus castigador. Quando eu vim pro Brasil, graças a Deus, aquele Deus ficou na Colômbia. Então eu podia ser livre”



Quando a entrevista começou, Ícaro, Alexandre e Ítalo não estavam presentes. Ítalo chegou atrasado, às 16h20. Os outros dois entrevistadores, infelizmente, não puderam comparecer.

Maurício interrompe uma de suas respostas para cumprimentar Ítalo, que tinha acabado de chegar. “Tudo bem, rapaz? Senta aí”, diz o dentista apontando para a cadeira a seu lado.



“Venha agora!” . Aí, quando colocou a luva, ficou pálido, disse: “Maurício, aqui não tem dois, tem três!”. Aí eu: “Eita, eita” (todos riem). Pego o telefone, ligo pra Colômbia: “Mãe, não são dois, não, são três!”. Aí ela: “Acha graça de Nossa Senhora, parabéns!” (todos riem). Aí repouso absoluto, ultrassonografia de controle. Levamos no doutor Cordeiro, que se levantou quase chorando: “Maurício, eu nunca tinha visto um milagre, mas tô vendo um: quadrigêmeos”. “Quê?!”. “Quadrigêmeos”. Aí eu peguei e liguei: “Mãe, não são três, são quatro”. Sabe o que ela me disse? “Parabéns e não me ligue mais!” (todos riem) Aí, durante a gravidez, perdemos dois, e (as outras duas) nasceram de parto normal.

Lorena – A santa que o senhor pediu de presente pra sua mãe é aquela que fica ali (aponta para a imagem de Nossa Senhora ao lado da porta)?

Maurício – Não, essa foi a mesma imagem... Pronto, vou te contar. Eu evangélico, meu irmão doente pediu para que eu o levasse no Queremos Deus (tradicional evento católico que acontece antes do Carnaval), foi o primeiro que teve em Fortaleza naquela época, há 29 anos, e foi no Estádio Presidente Vargas. Eu comprei um óculos e um boné para que ninguém me reconhecesse. Quando eu chego no estádio, eu ia deixar ele debaixo de uma letra C, na arquibancada, deixar ele, inventar uma dor de barriga e ir-me embora e voltar depois pra pegar meu irmão. Quando eu cheguei no estádio, alguém me reconheceu, um pa-

ciente: “Doutor Maurício, você por aqui!”. Ele me levou sabe pra onde? Pro palco com Monsenhor Jonas Abib (fundador da Comunidade Canção Nova, em Cachoeira Paulista, São Paulo, é sacerdote, escritor, palestrante e músico, um dos expoentes da Renovação Carismática Católica no Brasil). Aí, quando estou lá, aí começou uma imagem igual a essa, só que feita de isopor, tava no chão e começou a se levantar, levantar e eu (pensando): “Não, isso é idolatria, é pecado, Senhor!”. Eles botaram balões na imagem, só que ela não subia, não subia, ela descia. E eu achei engraçado porque Fortaleza sempre tem vento, porque que ela voltava pro mesmo local? Aí eu: “Senhor, manda um raio pra destruir essa imagem, isso é pecado, idolatria”. Aí a imagem voltava. Sei que a sétima vez que a imagem voltou, o Monsenhor Jonas falou: “Maria não quer ir embora porque tem muita gente precisando dela aqui”. Quando eu olhei nos olhos dela (da imagem), eu vi ela fazendo isso (abre os braços). Gente! Eu queria me jogar naquele gramado, sabe? Uma sensação tão diferente... Que uma coisa que eu nunca tinha visto na mulher, o dom do perdão. Depois que eu vi os olhos daquela imagem, eu pude perceber a imagem que nós já temos, como mãe. Porque você pode ser o filho mais pecador do mundo, mas sua mãe sempre lhe abrirá os braços. Pai é diferente. E aquele olhar eu nunca tinha visto. Hoje em dia respeito muito a minha esposa e as minhas filhas por causa disso. Poxa, eu quebrei imagens, eu a difamei, fiz tudo, só que de re-

No dia da entrevista, colombianos iriam à casa de Carlos Maurício para fazer as inscrições para votar nas eleições para senadores e governadores da Colômbia, mas ele cancelou.

penete eu senti ela fazer isso. Então uma sensação diferente, muito diferente, tanto que me chamam pra dar testemunho, tá? Muito profundo. A mim me estranha que a mulher é evangélica, porque a primeira evangélica foi Maria. Porque Maria fez assim: “Eis-me aqui!”. E ela abandonou tudo, tudo! Ela podia ser apedrejada... Então tem que ter um respeito muito grande por essa mulher.

Lorena – Foi nesse momento que o senhor se identificou... Quis se tornar católico?

Maurício – Não, tive um sentimento de que... Tipo assim, você não tá mais sozinho. É só isso. Aí eu disse “peraí, vamos atrás”. Aí eu comecei a ir atrás, tinha um confusão muito grande a respeito de religião, né? E comecei a ir atrás da vida de Jesus, como foi a vida de Jesus, antes de ser Jesus, porque que eles... Aquilo que a gente dizia pros católicos, na época: “Maria, seus irmãos lhe esperam lá fora. Por quê? Eu tenho mais irmãos?”. Aí você vê, irmão em hebraico é parente assim, eu vacilava quando pegava um católico, na época. Alguém sabe o que significa a palavra “religião”?

Lorena – Uma ligação com Deus?

Maurício – Religare, é. Então a única religião que fica aqui é a de Jesus. A única religião que existe aqui é a cristã, pronto. Quem foi que deixou? Foi Jesus, pronto. Quem sabe o que significa a palavra católico? (Ninguém responde). Quem é católico aqui? Tu não sabe o que quer dizer a palavra católico? Então por que diz que é católico? Eu dando palestra pra 3500 pessoas, todas católicas, lá em Campina Grande (na Paraíba): “Quem é católico aqui?”. “EEEEU!”. “Quem sabe o que significa a palavra católico?”. Católico veio do grego, não adianta pescar, não (falando com Ítalo, que está mexendo no celular). Vem do grego e significa “universal”. Então, os primeiros cristãos que vinham por todas as partes do mundo se chamavam católicos. A Igreja Católica, ela errou demais, tem muita coisa errada na Igreja Católica. Mas isso não dá direito de você pular do barco.

Suzana – O que você acha que aprendeu dentro da igreja evangélica?

Maurício – Ela é muito rigorosa, né? Eu acho que a igreja evangélica... Aprendi a ler a Bíblia, que não fazia como católico.

Heloísa – Como foi que você se tornou evangélico tendo família católica?

Maurício – É... Eu vou ser sincero: eu era rebelde. E como adolescente rebelde, eu nunca queria ir atrás de Deus, então eu era obrigado (a seguir a religião católica por causa da família). Que, quando eu cheguei aqui (no Brasil), com 17 anos, ah! Ninguém pode me obrigar. Chega um ponto que o

adolescente começa a se preocupar: “Peraí, existe ou não existe? Como é, né?”. Aí foi que eu conheci a igreja evangélica.

Heloísa – Mas tão rebelde? E o senhor foi pra uma igreja que é mais conservadora, mais rígida?

Maurício – Eu sendo rebelde, já falei pra vocês que me envolvi com drogas, bebidas, tudo isso, então você se perde, você se perde. Foi um amigo evangélico que me deu a mão naquele momento.

Lorena – O que acabou te levando a usar drogas?

Maurício – A solidão.

Heloísa – Como que foi esse período?

Maurício – Não lembro muito bem, não. Foi um período que eu apaguei da minha vida.

Heloísa – Foi um período muito longo?

Maurício – Eu não sei, eu não lembro. Era atemporal. Tipo assim, “gente, hoje dia 17 de agosto”, eu não sei se é isso. Chega um ponto dali que você sente e começa a se preocupar: “Peraí, existe ou não existe? Como é, né?”. Aí foi que eu conheci a igreja evangélica. Não existe isso. O tempo vai te levando e, quando você percebe, você está na rua. E você quer sair, mas não sabe como, de repente você saiu.

Fabrizio – E esse amigo que te ajudou, era alguém que você já conhecia?

Maurício – Já, que eu admirava muito e era evangélico.

Ítalo – E que tipo de solidão era essa que você sentia? Era falta de quê?

Maurício – Da família, de pais. Porque, quando você tá acostumado com “não faça isso, aquilo é pecado, aquilo é não sei o quê”... E você: “Ah, essa liberdade que você tanto sonha”... Nada! Que liberdade é essa se você não sabe o que fazer com ela? Tipo assim, se eu soltar esse passarinho aí, tu acha que ele vai tar feliz? Ele vai sair, pode morrer de fome, ser devorado por um... Né? É assim que funciona. Eu não nasci no mato, nem na selva, não, eu tinha uma família e essa família tem seus métodos, diretrizes, compromissos. A gente veio pra cá com 17 anos, procurando uma liberdade e chegando aqui...

Lorena – E você conheceu esse amigo. Ele era da faculdade?

Maurício – Não.

Lorena – Porque você tinha dito pra gente que, quando você acabou se envolvendo com as drogas, o seus irmãos te expulsaram de casa. Como que ele te achou? Você ainda mantinha contato com ele?

Maurício – Não sei como ele me achou, não. Não sei. E tanto é que ele foi uma das pessoas que nunca me repriminou pelo jeito que eu estava. Ele tinha uma missão: me re-

Ao fundo, podia se ouvir o barulho dos passarinhos de estimação de Carlos Maurício. Em um momento, o canto de um dos pássaros interrompe a resposta de Maurício. Ele justificou que aquilo era tudo para chamar a atenção do namorado.

Ele possui quatro cachorros: Ringo, Toy, Duvi e Pedrita. A mais velha tem 17 anos e é chamada por ele de “Rainha da casa”. Os entrevistadores ficaram querendo saber se havia outros cães com nome de integrantes dos Beatles, a exemplo de Ringo.

Além dos quatro cães, Maurício e sua família criam duas cacatuas e cinco periquitos com os quais ele conversou um pouco depois do término da entrevista.

cuperar. Ele nunca ficou na igreja, ele me levou pra igreja, mas eu nunca vi ele dentro da igreja, tá? Nunca mais vi, nunca mais. Ele tinha uma missão. E, quando ele me disse “Maurício, me dá a mão”, eu estava na pior, o reconheci pela voz e aí dei a mão. (Ele disse:) “Vou te levar a um lugar onde tem alguém esperando por você há muito tempo. Jesus te ama”. Aí ele me jogou na igreja e foi embora. E não era a igreja dele, não, ele era evangélico, mas não daquela igreja.

Lorena – E como foi a reconciliação com seus irmãos? Você tinha comentado também que, no período em que vocês ficaram sem se falar, eles acabaram também mudando de endereço. Qual foi o momento em que vocês voltaram a se falar?

Maurício – Eu voltei pra faculdade, meu irmão tava lá, na minha mesma sala, né? E eles eram gente boa, gente boa, né? Ele ficou meio assim, mas também muito surpreso com a minha volta, né? Achou legal, ficou preocupado, lógico, é irmão, ficou muito preocupado. Eles me deram foi um susto, sabe por quê? Eles se mudaram para o prédio do lado (risos). Foi pra me dar um susto. O meu irmão Jairo era muito... Era o mais velho, então ele se achava como o paizão, sabe? Então, aos poucos, eu fui retornando ao convívio. Aí, quando eu vim morar aqui (em Fortaleza), nós fizemos mais ainda amizade. Eu me tornei mais amigo do Jairo (Jairo voltou do Recife para a Colômbia em 1982; no ano seguinte, Víctor e Maurício foram da capital pernambucana para Fortaleza). É que ele servia mais pra balançar a gente um pouco, e era um segredo nosso porque meus pais não sabiam de tudo o que ele tinha passado. Por isso que eu digo que, quando publicar isso, se meus pais pegarem isso... Ai, meu Deus.

Lorena – Mas é mais circulação local, então... (todos riem)

Maurício – Por que não perguntam os outros? Tu não perguntou até agora nada (olhando para Ítalo). O professor tá aí, viu? Só anotando, só anotando, viu?

Robson – Mas eu não sou... Carrasco.

Larissa – Você falou alguns detalhes da época em que você era evangélico. Falou que quebrava imagens (de Nossa Senhora) e também que não atendia pessoas que fossem católicas. Qual era esse sentimento que você tinha de rejeitar pessoas que eram católicas?

Maurício – Porque eu achava que as pessoas católicas eram muito bitoladas, sabe? Tá vendo que isso não existe, tá vendo que Maria... Eu era muito radical, eu era radical mesmo, não aceitava outra coisa, não.

Larissa – E o momento de você, é... Voltar a ser católico ou ser pela primeira vez, como você falou que não era antes...

Maurício – (interrompendo) Eu era aquele rebelde que ia à missa à força, porque, infelizmente, o Deus que meus pais passaram pra gente era um Deus castigador como era aquela pessoa mesmo que eu imagino. “Deus vai te castigar”. Eu tinha pavor àquele Deus. Quando eu vim pro Brasil, graças a Deus, aquele Deus ficou na Colômbia. Então eu podia ser livre.

Larissa – E foi nesse momento que você levou o seu irmão para o Queremos Deus, foi nesse momento que você teve esse chamado de ir pra Igreja Católica e ter essa devoção a Maria?

Maurício – Eu acho que ir pra Igreja Católica não. Me desculpe quem... Ir para a única religião que Jesus deixou aqui, que é a Católica. Não adianta procurar outra. Existe só uma, então nós vamos ajeitar essa uma. Pra que criar outra? Eu acho assim: se todo mundo se unisse e fortalecesse a Católica, ficaria muito mais fácil pra todo mundo viver melhor. Porque, se eu posso fazer uma igreja aqui, eu faço agora. Quem criou? Maurício Durán. Isso não existe, tá? Ah, porque foi Deus, que coisa boa, parabéns, que Deus lhe disse que criasse uma igreja. Tá passando bem? Tá, pronto, mas eu acho que, em vez da gente pular o barco, porque a gente não ajuda nós? Então estou na Igreja Católica, fui ministro da eucaristia há 14 anos, eu era aquele que ia dar a comunhão para as pessoas que não podiam ir pra igreja e ajudar o padre na hora da missa, levando o corpo de Cristo, porque eu tinha convicção de que naquela hóstia realmente está Jesus, que é uma das coisas que a igreja evangélica não crê.

Suzana – Qual é a relação dos seus filhos com a religião?

Maurício – Igreja Católica. Todos.

Suzana – Mas se você tivesse algum filho que, por acaso, resolvesse seguir outra religião?

Maurício – Eu acho que cada um tem que passar pelo que passou. Eu tenho que dar essa liberdade pra eles, essa escolha. Eu vou ficar triste, mas fazer o quê? Minha filha viajou, foi embora, e aí? Fazer o quê? Ela agora tá morando na Irlanda. E dias antes nasceu, daqueles periquitos, uma periquita que não podia andar. Aí eu ajudei a andar, ensinei a dar os primeiros passos. Assistia televisão comigo aqui (apontando para o próprio ombro). Chamava Sofia. Ensinei a voar, “vai, voa”, ela caía. Um dia, a jaula tava aberta (ela saiu) e todos os amigos do Carlos (o filho) ficaram: “Tio, tio, onde está

Falando sobre sua infância, Carlos Maurício nos contou que os cães de sua família eram adestrados, mas ele os “deseducava” ensinando outros comandos.

Sofia?”. Ela foi embora e eu chorei, e todos os amigos do meu filho foram lá no quintal, 11h30min da noite, acordou todo mundo. Sofia, Sofia! Quantas noites eu fiquei esperando ela voltar? Quando minha filha casou, eu tive que aprender, minha filha foi embora. Fazer o quê? O quarto dela continua igual. Faz um ano e meio, fazer o quê?

Lorena – A sua esposa comentou que você começou a palestrar quando ela descobriu que tava grávida (entre 1990 e 1991). O que te motivou a começar a palestrar?

Maurício – Eu acho que foi um chamado, né? Que de repente não foi Deus que chegou e “pá pá pá”. Seria muito bom dar palestra, né (risos). Porque é uma necessidade, tantos pais loucos pra ter filhos, incentivar essa fé neles. Que eu saiba, sou padrinho de 19 (crianças que nasceram) de pais que não poderiam ter filhos de jeito nenhum, que foram nas minhas palestras e engravidaram. Então pode colocar aí, Cláudio Aragão, dentista, teve dois filhos. Oito anos sem ter filhos, quando ia fazer a inseminação, juntou o dinheiro... Disseram: “Vá assistir a palestra do Doutor Maurício”. Ela assistiu (a esposa de Cláudio), dez meses depois ficou grávida da filha. Quando a filha nasceu, dois meses depois, ficou grávida de novo. (Eles) têm dois filhos e todo o aniversário eu tenho que ir lá.

Fabrizio – Quais são os assuntos que você aborda nessas palestras?

Maurício – A fé. E a família, principalmente a família.

Ítalo – Você se sente uma cegonha enviada por Deus?

Maurício – Não. Não. Eu acho que cada um de nós tem uma missão. Porque eu me acho um milagre, eu me acho um milagre, tá? Já passei por tantas coisas e sobrevivi. Você é um milagre, cada um de vocês é um milagre. Como você está agradecendo a Deus esse milagre? Então você vai passar por aqui na vida tranquilamente, não vai agradecer a Deus? Tem as maneiras de fazer, então uma das maneiras que eu vi foi levar esta fé para as pessoas, levar esse Deus do impossível pras pessoas.

Lorena – Você acredita que essa é sua missão?

Maurício – Acredito (pausa). Hoje não tenho palestra, mas amanhã tem, sábado passado teve. Sexta deixei de ir pra aula (do oitavo semestre do curso de Direito), deixei de fazer prova, pra dar palestra. Eu não aceito

“Eu comecei a novena com a Luci (esposa).
(...) Assim que terminamos a novena, 13 dias depois, a Luci ficou grávida”

Durante a entrevista, 17 aviões decolaram sobrevoando a casa de Carlos Maurício. Ele disse que isso acontece por causa da direção do vento. Tivemos que parar de falar e esperar o avião passar algumas vezes.



Ele perguntou se alguém era evangélico. Fabrizio e Ester (fotógrafa) se manifestaram. Ele então perguntou quem fundou as igrejas que eles frequentavam, para então afirmar que as igrejas evangélicas eram fundadas por homens e as católicas, por Deus.

Carlos Maurício interrompe nossa conversa para mostrar uma imagem do presépio que ele fez usando luzes de Natal presas a uma grade. Esse é o tipo de coisa que ele gosta de fazer no tempo livre, além de cozinhar e cuidar do jardim.



um centavo sobre a palestra, um centavo. É gratuito. Me chamam de Rio de Janeiro, me chamam de Brasília, de São Paulo, Campina Grande, Recife. E eu não aceito (pagamento). Vou dar um exemplo: Colégio Christus daqui, como outros colégios, eles têm retiro pros crismandos, são muitos crismandos, tem que dar (palestra) três vezes, três domingos seguidos, crismandos diferentes. E eles têm um salário para a pessoa que dá palestra. Eu não sei quanto é, mas, da primeira vez que eles me entregaram um envelope, eu não aceitei. Aí eles ficaram meio preocupados. Na segunda vez, eu não aceitei. Na terceira vez eles chegaram pra mim e disseram: “Maurício, pelo amor de Deus, você tá colocando a gente numa situação difícil, porque já foi cobrado pelos alunos o dinheiro da palestra”. Eu disse “não, eu não quero nem saber quanto tem aí”. Peguei o envelope e falei: “Olha, eu tenho certeza que no seu colégio têm adolescentes que os pais se separaram, que o pai ficou doente, que o pai perdeu o emprego, a mãe... Que tá atrasada a mensalidade... Pegue esse dinheiro e cubra isso, mas não diga nunca que foi eu. Nunca mais tocou no assunto. Porque, quando você divulga a palavra de Deus, não pode cobrar por ela.

Lorena – Como foi se reaproximar da sua mãe depois que você se converteu ao catolicismo?

Maurício – Esse foi... Eu vou trazer, posso trazer?

Larissa – O quê? A imagem?

Fabrício – Traga!

Lorena – Arrasa! (todos riem)

Ítalo ganhou do dentista o apelido carinhoso Moyu Rebanho, após pronunciar erroneamente o nome do molho shoyu e chamar de “rebanho” a manjedoura do presépio de luz feito por Maurício.

Maurício – (ele traz a imagem de Nossa Senhora das Graças e põe em cima da mesa). Gente, o seguinte: quando eu saí do Queremos Deus, eu saí diferente. A imagem tá aqui, de Nossa Senhora das Graças. Quando ela fez isso assim pra mim, que eu comecei a olhar nos olhos dela... Gente! Que é isso? Pera aí... Tô ficando louco, né? De repente, no olhar dela dizia, tipo: a vida do teu irmão não te pertence, nem a tua vida te pertence, porque ia acabar meu... Eu ia acabar o meu noivado, eu ia embora, ia vender tudo o que eu tinha pra salvar meu irmão... Aí quem era eu pra tentar salvar meu irmão porque eu tinha dinheiro? Não era ninguém. Aí ela (Nossa Senhora) disse: “Não te preocupes, tu não estás mais sozinho.” Eu senti isso no olhar dela. Gente, isso foi uma coisa tão estranha... Mas confundia minha cabeça. Aquele espaço que eu queria preencher na minha juventude chega transbordou. Aí eu fui deixar meu irmão na casa dele. Quando eu voltei, como que eu peço perdão para a minha mãe por todas as vezes que eu fiz chorar? Meu Deus do céu... Aí eu liguei pra Colômbia, aí ela atendeu como sempre, fazia oito ou 15 dias que eu tinha discutido com ela (mãe) por causa disso. “Não, isso é idolatria”, aquela história toda. “Filho, mas você não tem uma fotografia minha três por quatro?”. “Tenho, mamãe”. “No dia em que eu morrer, você não vai querer fazer (faz gestos de quem beija uma foto)”. É isso que nós fazemos com a imagem de Nossa Senhora. “Não, mãe!”. Eu desligava o telefone, com raiva. Aí, depois que eu saí daquele evento, me deu uma

dor tão grande. Quantas vezes eu fiz chorar minha mãe? Aí liguei pra Colômbia, minha mãe atendeu. Aí queria pedir perdão, falar um monte de coisa, e mamãe atendia como se nada tivesse acontecido. Fazia oito dias que eu queria jogar o telefone na cara dela e ela: “Ô, meu filho, como é que você está?”. Que tipo de amor de mãe é esse? Igual de Nossa Senhora. A gente agride, a gente faz tudo isso. Eu quebrei imagem dela e eu vejo uma mãe abrindo os braços para mim. Peraí, que tipo de amor de mãe é esse? Eu não compreendia. Que uma mãe, que depois de tudo que eu fiz com ela e ela fala: “Oi, meu filho. Tudo bem?”. Aí eu disse assim: “Mãe, quando a senhora tira férias?”. Isso, eu ia acabar o noivado, incluso, mamãe não sabia da doença do meu irmão, que ele pediu para eu não dizer. Ela disse: “Daqui a quatro meses, por quê?”. “Será que a senhora pode vir para o meu casamento?”. E ela tinha vindo para o meu noivado fazia um ano e meio, conheceu a Luci, a família da Luci, o pai, o irmão. Aí mamãe deu um grito para meu pai: “O Maurício vai casar com aquela garota que nós conhecemos, gostamos tanto dela”. “Pois é, mãe. Eu quero um presente de casamento”. “Meu filho, as passagens são caras”. Eles já tinham essa dificuldade, né?. “Mãe, o presente que eu quero é barato. Eu quero uma imagem de Nossa Senhora como presente de casamento”. Aí minha mãe começou a chorar, chorar, chorar. “Filho, se Deus me levasse agora, eu morreria a mãe mais feliz do mundo. Obrigada por retornar à casa do Pai”. Aí ela trouxe essa imagem, faz 27 anos. Ela até brincava: “Meu filho, se o avião caísse, o único corpo que seria encontrado seria o meu, porque eu tava assim com ela (se abraçou como se estivesse agarrado à santa)”. E trouxe junto com a novena. Foi quando nós casamos pela Igreja Católica, porque nós íamos casar ecumenicamente: Luci traria o padre, e eu traria meu pastor. Aí casamos pela Igreja Católica, e mamãe trouxe junto com a novena. Assim que meus pais foram embora, eu comecei a novena com a Luci. Aí eu disse aquela história: “Se tu intercedeste pelas bodas de Canaã, por que não intercede pela gente?”. Assim que terminamos a novena, 13 dias depois, a Luci ficou grávida.

Fabrício – Você estava contando que seu irmão tinha pedido para não contar para sua mãe sobre a doença dele. Como foi que vocês descobriram o diagnóstico dele?

Maurício – Pelo médico.

Lorena – Mas como foi que receberam a notícia?

Maurício – Não, presta atenção, foi assim... Ele ligou para e mim, fazia tempo

que eu não via ele e disse: “Maurício, faz três meses que eu estou com uma dor de cabeça muito grande, gostaria de ir para um médico, porque...”. Ele não tinha condições de pagar um médico particular na época e o farmacêutico amigo dele disse que os remédios não estavam mais fazendo efeito. Aí eu disse que estava tudo bem, porque eu tinha condições. Marcamos um médico, foi feita uma tomografia. Naquele tempo, 29 anos atrás, a tomografia era uma coisa muito difícil, cara. Fizemos, aí veio a notícia. Quando ele nos chamou, eu nunca vou esquecer, ele disse assim: “As notícias que eu tenho não são boas, porque, Victor, você tem um tumor cerebral”. Como eu tinha condições, eu perguntei: “Quanto é a cirurgia, doutor?”. “Esse é o problema, Maurício. Pela análise do crescimento do tumor, ele está em uma região vital. Se a gente operar, ele morre no centro cirúrgico”. “Sim, e a saída?”. “Não tem. No máximo, ele terá um ano e meio de vida”. Meu irmão tinha 28 anos, eu tinha 27. Na mesma hora ele falou para mim – meu irmão era muito estudioso, ele gostava muito de estudar: “Maurício, pelas dores que eu estou sentindo, eu sabia que era uma doença grave. Não conta nada para os meus pais, porque a pior dor que um filho pode levar lá para cima é morrer nos braços dos pais, sofrendo por causa dele. E eu não quero levar isso lá para cima”. E eu não contei. Se eu tivesse contado, meus pais teriam vindo para cá, teriam perdido aposentadoria, teriam perdido tudo, porque ninguém sabia quando ele iria morrer. Eu fiquei calado, calado, calado até a morte. Ele não passou um ano e meio, foram dois anos e meio. Ele perdeu a razão, a visão (Victor faleceu em 1991). E a Luci grávida de quadrigêmeos e perdendo os meninos. Luci passava mal, aí eu ia para o hospital. Chegava no consultório, era meu irmão que estava passando mal e tinha que ir para o hospital. E os pacientes foram muito gente boa comigo naquela época. Meu carro era uma ambulância, mas eu nunca perdi a fé.

“Nós precisamos de uma mulher. Os melhores momentos que o homem passa aqui na Terra é do lado de uma mulher”

Colômbia e Brasil se enfrentaram nas quartas de final da Copa do Mundo de 2014, em Fortaleza, no dia 4 de julho de 2017. O Brasil venceu a partida. O placar foi de 2 a 1.

Larissa se emocionou e acabou chorando enquanto Maurício falava de Victor, irmão falecido em 1991. Assim como Maurício, Larissa perdeu um dos irmãos, Giscardson Reno, falecido em 2012.

Curiosamente, dois dos entrevistados desta edição têm paixão pelo mesmo *hobbie*: nadar no mar. São eles a fotógrafa Fernanda Oliveira e o dentista Carlos Maurício Durán.

Nunca reclamei de nada. Conseguimos segurar as duas, a Shara e a Clara. Victor faleceu quando as gêmeas tinham seis meses. Teve uma hora que eu pedi a Deus que levasse. Sem razão, sem visão, estava difícil. Aí, quando ele faleceu, foi que tive a coragem de ligar para os meus pais, porque não estava mais infringido o que eu tinha prometido a meu irmão. Foram quatro dias de velório até a chegada dos meus pais. A minha mãe gritava: “Não enterre. Embalsame, embalsame. Eu quero ver o meu filho ser enterrado”. Mandei embalsamar, fiquei do lado do caixão lá, no cemitério. E todo mundo me perguntava quando iria enterrar. Foi quando eu aprendi a lição mais linda da vida. Durante esse tempo que estive velado meu irmão, eu acho que passaram mais de 1500 pessoas por ali. Fazia fila. Gente descalça, gente das favelas, gente de todas as partes. Porque um sabe e passa no terminal de ônibus para outro, para outro. Eles chegavam perto do caixão e eu do lado do caixão: “Doutor Victor, eu vim lhe agradecer. Eu sei que o senhor está me ouvindo, porque, graças ao senhor, eu tenho emprego. Não passo fome, nem eu, nem meus filhos, nem meus pais. Porque, para poder assumir aquele emprego, eu tive que ajeitar a boca e o senhor ajeitou de graça para mim”. Cada um dizia uma coisa mais bonita que a outra. (Maurício pensou:) “Não, meu filho. Eu tenho que mudar de vida”.

Larissa – Durante esse período da doença do Victor, você cuidou dele. Como foi isso para você?

Maurício – Foi um dos maiores presentes que Deus já me deu. Fazer a barba dele, dar banho, porque nessa hora você perde todos os seus amigos. E eu nunca tinha sido bom irmão. Porque eu digo: “Tomara que Deus avise na hora que vai tirar um irmão seu”, porque, se tirar de repente, não dá tempo de dizer “eu te amo”. Gente, é muito duro. E, graças a Deus, Deus me deu esse presente.

Sâmia – E como foi acompanhar a gravidez da sua esposa, que foi uma surpresa?

Maurício – A gravidez da minha... Ave, Maria! Acho que compensava. A dor que eu estava tendo com o Victor e, de repente, saber que tinha vida. A minha função como marido é fazer a minha mulher feliz em todos os aspectos. Aquele bucho enorme, nunca vou esquecer. Mas ela estava acostumada com os tops delas. Aí eu comprei um topzinho, um shortinho e “vamos passear” com o bucho desse tamanho (fazendo o gesto de barriga de grávida com as mãos). Ela se sentia bem assim, mesmo que para mim fosse... A alegria é assim. Imagina você estéril. Você não pode ter filhos e, de

repente, você pode ter filhos. Você está perdendo um irmão... Sei lá. Uma compensa a outra. A vida, a morte.

Dellano – Você conheceu a sua esposa enquanto era evangélico, e ela era católica.

Maurício – E ela ia no meu culto tranquilamente, mas eu não ia na missa nem sonhando. Eu posso dizer por quê? Eu descobri depois que mulher é o ser mais divino que Deus fez. Eu descobri lendo em um livro. No prefácio do livro tinha assim dizendo: “Todo grande artista, antes de fazer sua grande obra prima, faz... Faz o quê?”

Lorena – Rascunho?

Maurício – Então vamos lá. Todo grande artista antes de fazer sua grande obra prima primeiro faz um...

Dellano – Rascunho.

Maurício – E Deus, na sua sabedoria, primeiro fez o homem. Nós somos o quê?

Dellano – Rascunho.

Maurício – E quem é a perfeição são elas. Qual é o seu nome?

Dellano – Dellano.

Maurício – Dellano, você nasceu de onde?

Dellano – Da minha mãe.

Maurício – E a sua mãe é o quê?

Dellano – Mulher.

Maurício – Então precisamos delas para nascer. Quem foi que te amamentou?

Ítalo – Minha mãe.

Maurício – E a sua mãe é o quê? Uma mulher. Para nascer, para sobreviver, precisamos delas. Quem foi que te alfabetizou?

Fabrício – Minha mãe.

Maurício – Não, uma tia. Uma mulher, titia (risos). Ele: “Mamãe”.

Fabrício – Achei que essa era a resposta certa (risos).

Maurício – Eu dou palestras para casais. Eu digo assim: “Tu nasceu de onde?”. Aí respondem: “Da minha mãe”. “E a sua mãe é o quê?”. “Ela é dentista, igual ao senhor” (risos de todos). Nunca vou esquecer... Para a gente sobreviver, nós precisamos de uma mulher. Quem nos ensinou os primeiros passos foi uma mulher. Quem que vai nos acompanhar em uma decisão em um momento difícil nas nossas vidas quando a gente vai casar? É a mãe. Para a gente casar com uma mulher. Os melhores momentos que o homem passa aqui, na Terra, é do lado de uma mulher. Por isso que Deus fez esse ser maravilhoso.

Lorena – Antes da sua esposa, você teve alguma namorada na adolescência?

Maurício – Tive muitas. Oxente, muitas, muitas, muitas (risos). Mas assim, presta atenção, teve umas que marcaram a minha adolescência lá em Colômbia. Existem... Tu vai para onde, princesa? (falando com a es-

Depois do assassinato do irmão de Maurício, Jairo, a mãe entrou em depressão e não queria sair de casa. Depois de convencida a ir à missa, contou na cerimônia a tristeza da perda. O assassino estava na igreja e admitiu o crime. A mãe o perdoou. Não sabemos se o assassino foi denunciado e preso.



O dentista realiza trabalho voluntário em uma fundação espírita no Jangurussu. O bairro é o quinto de Fortaleza no ranking da pobreza realizado pelo Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece) em 2012.

posa Luci, que abre a porta de casa e vem em direção ao jardim, onde a entrevista está ocorrendo). Está toda pronta, toda linda. Prepara um cafezinho para gente.

Fabrício – Quando vocês se formaram, o Jairo voltou para a Colômbia. Você contou pra gente sobre a morte dele (em 1998). Como foi que você recebeu a notícia?

Maurício – (suspiro e risos) Vocês gostam de coisa ruim, não é? Ave Maria, presta atenção. Segunda-feira. Eu nunca vou esquecer, porque nós estávamos suspeitando que a Luci estava grávida, antes de nascer a Maria Ester, mas era falso alarme. Fomos fazer exame de sangue e estávamos discutindo. “Nós devíamos colocar John Jairo em homenagem ao meu irmão Jairo”. Eu sei que saiu negativo esse exame. Fui pegar o resultado e falei para Luci: “Você não está grávida, não”. Tínhamos um casal de amigos, tínhamos porque ele faleceu. Amílcar e a Silma. E nós frequentávamos o mesmo grupo de oração aqui, na Igreja da Glória, toda segunda-feira, das 8h às 10h. Então, ele passou lá no consultório umas 7h30min, ele queria ser atendido. Ele dizia: “Maurício, eu venho amanhã, mas acho que não vai dar para ir para o grupo, não. Você faz o seguinte: eu pego a sua mulher e você vai direto para o grupo”. Aí eu: “Está certo, mesmo que eu chegue atrasado”. Ficamos combinados isso, só que, quando ele chegou aqui com a esposa, a Silma, Luci tinha recebido a notícia de que tinham assassinado o meu irmão. Amílcar foi lá no grupo dizer: “Olha, o irmão do Maurício foi assassinado e ele não sabe ainda. Coloque aí uma oração, pelo amor

de Deus, porque ninguém sabe como dar a notícia”. Eu venho do consultório tranquilamente. Quando eu entrei, está Luci lá na garagem junto com a Silma. E a Luci estava com os olhos inchados. Eu perguntei o que aconteceu. Aí a Silma: “Maurício...”. Era 9h30min da noite. “Está muito tarde. Vai comer alguma coisa”. “Não, peraí. O que aconteceu?”. (Pensou:) “Será que a Luci estava tão chateada porque não estava grávida?”. Aí a Luci disse: “Ligaram da Colômbia”. Aí eu: “Pronto, meus pais... Aconteceu alguma coisa com meus pais. Sim, diga aí. Diga logo!”. “Mataram Jairo”. Nós estávamos na garagem. Quando eu acordei, eu estava em uma dessas poltronas aqui (apontando para os móveis da varanda). Eu estava sem respirar. É como se abrissem a sua boca e colocassem um pão seco, sem bebida e você não consegue engolir. Aí eu peguei o telefone e comecei a ligar para a Colômbia. Errava o número, errava o número. A Luci teve que pegar a agenda. Eu liguei para a minha irmã. Aí minha irmã disse: “Ei, Maurício...”. “Quero falar com a minha mãe”. “Ela não está bem”. “Deixa eu falar com a minha mãe”. Eu falei com mamãe e mamãe disse: “Maurício, fique aí”. Eu disse para a minha irmã: “Embalsame, que eu vou chegar”. E eu viajei. Que coisas lindas, por isso que eu digo que Deus existe, gente. Ele não deixa a gente de jeito nenhum. Por que que a gente vai virar a cara e vai calar a boca das mulheres? Eu lembro que eu, de manhã cedo, 5h da manhã estava no aeroporto, só com o cartão de crédito. Naquele tempo, não tinha voo direto, tinha que ir até o Rio. “Por favor, uma passagem

Enquanto falávamos sobre a violência na Colômbia, ele comentou que todos os seus vizinhos, no bairro Cidade dos Funcionários, foram assaltados, o que o fez instalar câmeras em sua casa por precaução.

Quando Maurício pede à esposa que faça café, Beatriz pergunta se seria um do tipo Colombiano. O dentista responde rindo que não. Luci diz ao marido: "Como que você me compromete desse jeito? Eu não sou boa de café".

"Eu casava com ela de novo, porque ela sabe tudo meu, meus defeitos, minhas qualidades. Vocês sabem como eu conheci ela? A gente se detestou"



para o Rio de Janeiro". Tá, passo no cartão. Meus filhos e a minha mulher com uma mochilinha para passar oito dias. Eu entrei no avião e comecei a chorar, mas eu chorava, chorava, chorava. Eu chorava, chorava, chorava. A pessoa que estava sentada atrás de mim: "Aeromoça, por gentileza, me mude de lugar, porque esse rapaz não para de chorar". A aeromoça chegou: "É a primeira vez que você está viajando?". E eu não conseguia falar, só chorava. "Você quer tomar algum remédio?". É proibido, mas o comandante autorizou. E eu já estava imaginando: "Vou tomar um remédio e vou pegar outro voo do Rio para Bogotá e de Bogotá para Medellín". Eu sei que foram 4h chorando. Quando o avião aterrisou, a aeromoça parou todo mundo e veio me pegar, porque eu não estava bem. Foi quando eu abracei ela, que saiu assim: "Mataram o meu irmão". Você não via isso, na casa dos outros. Tanto é que ela falou assim: "É, o Rio está muito violento". Ela pensava que era do Rio. E eu estava atrapalhando a fila. E aquela moça que pediu para trocar ouviu. E eu não sabia que ela tinha ouvido. Quando eu estava andando naquele túnel, ela veio: "Ei. Me perdoe". "Que que houve?". "Eu fui aquela moça que pediu para trocar de lugar, mas é que eu não sabia que seu irmão havia sido assassinado. Olha, me perdoe, porque eu estou indo para o México para procurar o irmão, que faz seis

meses que não dá sinal de vida". "Você vai para onde?". "Eu vou para Bogotá". "Você já comprou passagem?". "Não". "Então vamos lá, que eu vou lhe ajudar". Eu ia pela Varig também, mas o voo dela era mais cedo que o meu. O meu era às 4h, e o dela era às 2h. Chegamos na Varig e o meu voo era às 4h. Ela disse: "Muda o meu". "É às 8h da noite. Pode mudar?". "Pode". "Por quê?". "Porque eu não posso deixar esse rapaz do jeito que ele está". Aí passamos lá perto do banco, do caixa. Ela disse: "Já pegou o dinheiro?". "Peguei não". Eu dei meu cartão, dei minha senha, ela tirou o dinheiro, me entregou os dólares, me levou para lancha. Antes de embarcar, já estava mais calmo, me levou até a porta, se despediu de mim. Aí eu perguntei: "Como é o seu nome?". Sabe o que ela respondeu? "Anjo". Deus não nos deixa nesse momento. Aí, quando eu cheguei lá, a minha mãe ficou muito mal. Foi dopada, passou três meses dopada, ela se encontrou com o assassino... (Luci volta ao jardim, agora carregando uma bandeja com copos de suco e refrigerante). Eita, menino. Assim é mais fácil, não é, amor? (todos gargalham)

Luci – É mais seguro. É melhor que café.

Maurício – Se fosse casar de novo, eu casava com ela de novo, porque ela sabe tudo meu, meus defeitos, minhas qualidades. Vocês sabem como eu conheci ela? A gente se detestou. Eu falava, falava, falava e ela nada.

Maurício responde a preocupação da esposa com: "Bota a água para ferver, que eu mexo." Ele pergunta se todos gostam de café, ao que todos respondem que sim. Ele receia que não tenha xícaras suficientes.

Luci – Corrige o verbo. “Eu falo, eu falo”.

Maurício – Gente, as amigas dela, eu e meu amigo. E ela calada. Era 9h da noite. Deu 10h, 11h e teve uma hora que eu perguntei: “Vem cá, a tua amiga não fala, não?”. Ela virou para mim: “Você não deixa”.

Fabrizio – E saindo do profissional e indo um pouco para o pessoal. O que que você gosta de fazer no seu tempo livre em casa, com a sua família, sozinho?

Maurício – Ficar em casa com a minha família. No único tempo que eu tenho livre, eu quero estar com eles. Mas, mesmo assim, quando estou aqui, é porque vocês não viram...

Ítalo – Na pré-entrevista, as meninas disseram que você tem uma ligação com a cozinha. Qual é a sua relação com a cozinha? Como que a cozinha colombiana te influencia na cozinha daqui?

Maurício – Não influencia tanto a cozinha colombiana. É a cozinha mesmo. Não importa o que eu faço, pode ser colombiano, brasileiro. Presta atenção. Coloca uma coisa na cabeça de vocês. Quando vocês têm amor por alguma coisa, faz bem feito. Você diz: “Maurício, eu estou com fome”. Aí eu vou fazer um arroz. De repente, eu faço um macarr... Eu não sou um especialista, mas eu sei o básico. Fica gostoso. Você mora sozinho, você tem que se virar. Agora, eu não sou daquele de assistir Ana Maria Braga. Eu vou mais pelo instinto. Se você colocar isso, vai ficar mais... Como é o nome daquele negócio chinês?

Ítalo – Moio. Molho shoyu.

Maurício – Moio. Ele é bem ligado (risos). Esse grupo é bem eclético, já estou vendo. Professor, eu tenho pena do senhor.

Lorena – A Luci tinha comentado também que vocês são família de passar muito tempo juntos. E o que vocês fazem quando vocês estão juntos, você, seus filhos, ela?

Maurício – A gente vai para o cinema. A gente vai para o shopping, fazer compras. A gente se diverte. Tudo é engraçado. Quando a família está, tudo é engraçado. Uma queda,

“Eu vivo pela fé. Então eu não sei o que vai acontecer amanhã. Eu não traço nenhum parâmetro. Eu vivo. Só isso. E dá tempo”



Maurício é fã do café colombiano, afirmando que ele possui qualidade em detrimento da quantidade. Citou que a colheita do café é feita manualmente e que ele é plantado nas montanhas, onde se dá bem com o clima.

Ao final da entrevista, Ítalo pediu que tirassem uma foto dele com a bandeira da Colômbia que fica na varanda da casa. Ítalo já viajou para o país, onde passou dois meses fazendo trabalho voluntário.

Depois que a entrevista acabou, Maurício se despediu de todos com abraços ou apertos de mão em cada um. Quando todos estavam se encaminhando para a porta, ele deu um último conselho: que os homens tratem melhor as mulheres.

“O futuro eu entrego a Deus, não me pertence. E o passado já passou. Eu vivo o presente. Eu vivo para o presente. Eu adoro abrir o embrulho desse presente todo dia”

fala errado. É um show. Eu gosto demais. Encher o carro de menino e vamos embora. Por exemplo, hoje eu fui nadar 3000 metros, morto de cansado. “Vamos tomar uma água de coco no Beach Park”. “Vamos”. Ficamos revoltados. R\$ 20,00 para estacionar para tomar uma água de coco.

Ítalo – E vocês pagaram?

Maurício – Pagamos. Eu ia deixar o carro no meio da rua? Para levar uma multa de R\$ 200 por estar estacionando em lugar errado.

Lorena – E você tinha comentado também na nossa entrevista, que a gente não deixou passar batido, que foi sobre você ter conhecido a Luci em um bar de motoqueiros. Você era motoqueiro?

Maurício – Eu era. Eu era três raças que a minha mulher não gostava: eu era motoqueiro, dentista e moreno. Cuidado com o que vocês falam. “Ah, não quero”. Vai casar com um deles.

Larissa – Você também falou que um dos seus grandes sonhos é atravessar o Estreito de Gibraltar a nado. Já tem agendado?

Maurício – Fevereiro de 2019.

Larissa – Já está treinando?

Maurício – Estou treinando. Hoje eu treinei. Domingo é a prova de 1500 metros. Eu não estou treinando para competir. Eu vou nadar. Se ganhar medalha – todo mundo ganha medalha –, tudo bem. Se não... Mas eu não quero ser primeiro em nada. Foi como eu falei com o professor da faculdade: “Para que tirar dez? Uma prova daquelas não diz que você é bom”. Eu não gosto de (Direito) Tributário, pra que eu vou tirar dez em Tributário? Para mim, sete ou oito está bom demais. Para que me esforçar com isso se eu não vou ser um advogado tributário? Agora, se você quer (Direito) Penal, vamos estudar Penal. É isso que eu falo para as pessoas: “Para que essa bobagem de tirar dez?”. Será que aquele que está fazendo sucesso no jornal das...

Ítalo – Murilo?

Maurício – É um rapaz novinho. Aquele do Jornal Nacional. Aquele novato... Pronto, será que ele tirou dez em todas no Jornalismo?

Heloísa – Sobre o nado. O senhor não tem medo do mar?

Maurício – Eu não tenho medo de nada. Eu sempre gostei da água. Eu nado em piscina, tudo bem. Medo do mar? Só se eu for lá para dentro. Você tocou no assunto. Está bom. Não é medo do mar. É receio, pronto. Eu tenho. É a terceira vez que eu nado no mar. E as outras duas vezes que eu nadei, eu tive pânico. Sabe quando você chega em um lugar e não tem onde você apoiar os pés? Você não tem onde apoiar em uma parede. “Peraí, o que eu estou fazendo aqui?”. Chegou o professor no caiaque e disse: “Maurício, bora! Bora, Maurício”. Aí você vai. Foi duas vezes. Hoje foi mais ou menos. Eu sei que no domingo eu vou fazer de novo. Comprei até uma boia, aquela que amarra aqui.

Lorena – Como que surgiu a vontade de cursar Direito?

Maurício – Para querer limpar a fama dos colombianos. Porque eu fico pensando: “Já imaginou eu sendo advogado, eu sendo cônsul. Qual vai ser a reação do juiz?”. Eu acho que ele vai pensar duas vezes antes de fazer... Sei lá. Vai ser diferente.

Lorena – Mas eles são julgados injustamente?

Maurício – Eu acho que isso depende de caso para caso. Mas me diga assim. Como é que você julga primeiro a 13 anos, depois você é julgado a oito e, depois, julgado a quatro? E é a mesma Justiça. Acho que todo caso é um caso. Eu acho que você não pode ter uma regra “se é colombiano, é narcotraficante”. Eu sou colombiano, e não sou narcotraficante. Esse estigma está errado. Então, se você é brasileiro, você é corrupto? Está errado. Então eu tive a vontade de acabar com esse estigma de que nós não temos culpa de ter nascido no mesmo país que nasceu Pablo Escobar. Então, Direito é mais para tirar essa imagem, defender os colombianos, porque nem todo colombiano é preso por narcotráfico. Colombianos que podem errar por infrações de sei lá... Outros delitos.

Fabrício – Como é que você faz para conciliar família, emprego, natação, trabalho social, palestra e a faculdade?

Maurício – Todo mundo faz essa pergunta. Porque eu vivo pela fé. Então eu não sei o que vai acontecer amanhã. Eu não

Na saída da casa de Maurício, enquanto alguns pegaram carona com o professor ou com Lorena e outros se encaminharam para a parada de ônibus, Fabrício ficou tentando pedir um Uber. Ele passou dez minutos com o dentista e a esposa.

traço nenhum parâmetro. Eu vivo. Só isso. E dá tempo. Não sei como.

Larissa – Mas uma coisa que você disse que pretende fazer no amanhã é o curso de Medicina.

Maurício – É uma das coisas que eu mais gostaria.

Larissa – E por quê?

Maurício – Para cuidar das pessoas de graça. E como advogado – eu não poderia dizer isso, mas eu vou dizer –, como advogado também. Você não pode atender de graça, mas eu vou.

Italo – Quando você saiu de Medellín, era uma das cidades com maior índice de homicídios do mundo...

Maurício – ... Não, era a capital com maior violência.

Italo – E hoje Fortaleza se encaminha para o record histórico. Qual é a semelhança que você vê entre esses dois pontos?

Maurício – Eu, como cônsul, eu não posso fazer esse tipo de comparação. Eu não posso falar mal da terra que eu estou, senão eu perco o meu título de cônsul. Essa pergunta é muito interessante, mas o que que eu digo? Eu acho que a gente tem que tomar conta para não chegar a esse ponto. Agora, aí que eu digo para vocês. Por que eu tenho esse trabalho social? Uma vez me entrevistaram na rádio. “Se a Colômbia tem deficiência de saúde, como todos os países sul-americanos, por que escolher Fortaleza para fazer esse trabalho?”. Aí eu respondi: “A história do beija-flor”. O beija-flor só pode carregar uma gota de água no bico e havia um grande incêndio na floresta. Ele

foi lá no rio pegar a gotinha e jogava lá. Aí os outros animais, quando viam que ele ia e voltava várias vezes, começaram a rir. E ele se virou para os outros animais e falou: “Eu estou fazendo a minha parte. Se cada um de nós levar uma gotinha, a gente apaga o incêndio”. Só que nós somos muito egoístas, gostamos de ficar na zona de conforto. Quem de vocês sai para dar sopa para os pobres? Quem que de vocês aqui, no dia das crianças, vai repartir brinquedos? Ou sair de porta em porta. Essa zona de conforto é muito fácil pra gente. Se você não sair da zona de conforto, todo mundo vai tomar conta de vocês. O que que eu falo para todas as pessoas que eu faço trabalho lá no Jangurussu? “Deus te ama e ele me mandou para isso. Eu estou aqui, porque Deus mandou eu vir para cá”. Então, se cada um fizer a sua parte, o mundo vai ser diferente. Uma das coisas que eu aprendi na Colômbia é que a constituição colombiana começa dentro de casa. Você tem que dar lugar para uma pessoa de idade sentar, você tem que dar lugar para uma pessoa grávida sentar. Isso é óbvio, não tem que ter uma lei para isso.

Lorena – Maurício, pra encerrar, você também falou pra gente que o presente se chamava “presente” por ser um presente.

Maurício – É um presente para mim vocês estarem aqui hoje.

Lorena – Mas você pensa sobre o futuro?

Maurício – O futuro eu entrego a Deus, não me pertence. E o passado já passou. Eu vivo para o presente. Eu adoro abrir o embrulho desse presente todo dia.

Durante a entrevista, Maurício criticou a romantização midiática feita a respeito da imagem de Pablo Escobar, narcotraficante colombiano morto pela Polícia Nacional da Colômbia em Medellín, em 1993.



O entrevistado questionou, ainda, o imaginário negativo que foi historicamente contruído sobre o regime militar brasileiro, período que ele considera positivo.